
"Este livro será um marco para muitos crentes."
J.I. Packer
O mal que habita em mim
uma conversa franca sobre o poder e a derrota do pecado
kris lundgaard

O mal que habita em mim © 2004, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *The Enemy Within* © 1998 Kris Lundgaard. Traduzido e publicado com permissão da P&R Publishing, 1102 Marble Road, Phillipsburg, New Jersey, 08865, USA.

1ª edição em português – 2003
3.000 exemplares

Tradução
Claudino Batista Marra, Jr.

Revisão
Claudete Água de Melo
Madalena Torres

Editoração
Gilson da Silva Oliveira Filho

Capa
Idéia Dois Design

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*),
Alex Barbosa Vieira,
André Luís Ramos,
Mauro Fernando Meister,
Otávio Henrique de Souza,
Ricardo Agreste,
Sebastião Bueno Olinto,
Valdeci Santos Silva

ISBN 85-8688-699-8

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Jr., 394 - 01540-040 - Cambuci - São Paulo - SP
C. Postal 15.136 - 01599-970 - São Paulo - SP
Ligue grátis: 0800-141963 - fone: (0**11) 3207-7099
fax (0**11) 3209-1255 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Nicholas,
Meu filho,
Para a vitória!

Sumário

Prefácio 09

Agradecimentos 12

Parte Um: O poder do pecado no que ele é

1 *Com o mal ao meu lado* 15

2 *O longo braço da lei* 25

3 *A casa mal-assombrada* 31

4 *Diferenças irreconciliáveis* 39

Parte Dois: O poder do pecado em como ele age

5 *Os truques do negócio* 49

6 *Sentindo fortes emoções* 57

7 *Mente operosa* 65

Apêndice: Amando a Deus com toda a sua mente 75

8 *Fisgado* 87

9 *Concepção maculada* 97

Parte Três: O poder do pecado no que ele faz

10 *Deslizando sem controle* 109

Parte Quatro: Pregando a tampa do caixão do pecado

11	*Um transplante de medula*	*127*
12	*Paz difícil*	*133*
13	*Fé letal*	*141*

Notas *151*

Prefácio

"Se Deus me redimiu do pecado, e me deu seu Santo Espírito para me santificar e me dar forças contra o pecado, porque eu continuo a pecar?" Essa pergunta vinha me atormentado ao longo de toda a minha vida de fé. Nos meus momentos de depressão ela tem trazido desespero; ela até mesmo nublou os limites das minhas fases mais brilhantes.

No último verão, o de 1996, eu casualmente tropecei em alguma coisa útil, algo que me deu esperança. O nome John Owen martelava nos meus ouvidos há anos, especialmente quando eu lia os livros de J. I. Packer.[1] Eu fugia de Owen porque eu sabia, por algumas incursões em seus livros, no seminário, que a caminhada seria lenta e difícil. Mas quando a impotência do meu sacrifício ficou totalmente clara para mim, todos os obstáculos foram superados, e eu peguei meu exemplar empoeirado do *Nature, Power, Deceit e Prevalency of the Remainders of Indwelling Sin in Believers* [A natureza, o poder, o engano e a predomínio dos resíduos do pecado que habita no crente].[2]

Durante algumas semanas seguidas eu abri caminho pela cansativa sintaxe e pelo antiquado vocabulário de Owen, levando uma hora para ler oito ou dez páginas. Eu lia cada sentença duas, três ou quatro vezes, procurando cada referência na Bíblia, gastando o polegar no dicionário para encontrar "aversation" e "inadvertency," e sublinhando 80 por cento do que eu lia. Para a minha mente foi como o cansativo trabalho de cavar numa mina com uma picareta. Mas havia ouro ao

longo do caminho - não apenas um punhado de pó, mas o veio principal cheio de pepitas.

O ouro que eu encontrei foi a esperança, o renovado amor por Cristo e um acesso à santidade pela fé nele. Ao longo do caminho eu fiquei com o estômago revirado por causa do meu pecado; no entanto, de algum modo ainda levantei os olhos para a cruz buscando libertação. Quando terminei *Indwelling Sin*, não perdi um momento, mas comecei a escavar em *The Mortication of Sin* [A mortificação do pecado]. Então, o modo pelo qual eu olhava para a santidade estava mudando, e eu acreditava que pela graça de Deus, olhando para a face de Cristo para ver a sua glória, eu poderia resistir ao pecado a ponto de derramar meu sangue (Hb 12.1-4).

Meu coração quer compartilhar essa esperança. Vezes seguidas em pequenos grupos e em conversas de discipulado eu ouço minha própria pergunta angustiada ("Porque eu ainda peco?") dos lábios de amigos. Eu sei que a exposição das Escrituras feita por John Owen é exatamente o que todos nós precisamos ouvir. Mas eu sei também que poucos jamais se darão ao trabalho de abrir caminho através de sua prosa elaborada, não importa o quão apaixonadamente eu o recomende. A viagem de volta ao século 17 é longa demais. Portanto eu decidi trazer Owen para o século 21.

Eu seqüestrei Owen. Pela força eu o tornei meu co-autor, e juntos nós escrevemos um novo livro. Ele contribuiu com sua preciosa exposição, as linhas gerais, os argumentos e as ilustrações e eu devolvi a ele histórias de transplantes de medula e chaves de estria, e tentei trazer sua profunda compreensão da Bíblia para o nosso mundo. Eu não abreviei simplesmente a sua obra, como outros já fizeram.[3]

No entanto, qualquer pessoa que o conhece bem, veria o seu fantasma assombrando o meu trabalho.

Meu objetivo pode ser expresso numa irretocável frase do final do prefácio de Owen para *The Mortification of Sin:* Espero com sinceridade, que o desejo do meu coração para Deus, e o principal desígnio da minha vida no lugar em que a providência de Deus me colocou, sejam que a mortificação e a santidade universal possam ser promovidas nos corações e nas maneiras dos outros, para a glória de Deus; para que assim o evangelho do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo possa ser adornado em todas as coisas: para o alcance desse fim, se esse pequeno discurso . . . possa ser útil em alguma coisa ao menor dos santos, será visto como uma resposta às débeis orações com que é assistido por esse indigno autor,

Kris Lundgaard

Agradecimentos

Este livro é mais claro do que teria sido graças aos porquinhos-da-índia Eric Hoxworth, James Lines, Randy Scott, Geof Smith, o grupo de jovens formandos da University Presbiterian Church, e uma classe paciente de educação de adultos (Brea Smith, Mark e Pam Pflieger, Ed Emerick, Scott Horne, Ed e Patty Hughs, Charlene Hoskins, David Smith e Johnnie Coble).

Paula Lundgaard, Charlene Hoskins, Ed e Patty Hughs leram e refletiram, criticaram e encorajaram. O dr. Ed Hoskins esclareceu e corrigiu minhas ilustrações médicas. (Eu não podia usar as histórias médicas do século 17 de John Owen porque eu não sabia o que são bílis e humores.) O pastor titular John Pickett discutiu comigo sobre santificação até que ambos soubéssemos melhor sobre o que estávamos falando.

O editor Thom Notaro da P&R leu minuciosamente o manuscrito, aprimorando-o, enquanto Barbara Lerch forneceu vivos encorajamentos.

Mesmo não me conhecendo, J. I. Packer leva o crédito por ter me apresentado a Owen em sua aula sobre os puritanos ingleses no Reformed Theológical Seminary, e por meio de suas freqüentes exposições de Owen em seus livros.

Se John Owen estivesse vivo, seria tentado a me processar, pelo tanto que eu roubei de seu material. Vou me desculpar com ele e agradecer-lhe quando o vir na glória.

Todos nós trabalhamos juntos *soli Deo gloria.*

parte um

O poder do pecado no que ele é

Encontramos o inimigo,
o qual somos nós mesmos.
–Pogo

1 *Com o mal ao meu lado*

Deus me fortalece para que eu possa me manter;
O maior peso de todos carregar, O inalienável
peso da preocupação.
Christina Rossetti

Eu também me sinto do mesmo modo

Tudo que eu queria era surpreender minha mulher.

Desde que tínhamos nos mudado para a nossa nova casa, há quase um ano, o puxador da porta da geladeira estava do lado errado. Eu havia protelado a substituição por ser desajeitado com coisas mecânicas. Mas nessa tarde de quinta-feira, enquanto minha mulher estava no trabalho, eu estava decidido a me redimir e acertar o que estava errado.

Eu estava na metade do trabalho. Tinha levado a geladeira e o *freezer* para fora e queria levá-los de volta logo para que nada se estragasse. Estava no passo importante de mudar as dobradiças do lado direito da geladeira para o lado esquerdo, quando me dei conta de que cada dobradiça era apertada por dois parafusos estriados. Dois simples parafusos estriados. Existe apenas uma ferramenta no universo que pode (com segurança) soltar um parafuso estriado: uma chave estriada.

Eu não tinha uma chave estriada.

Nessa altura meus três meninos decidiram pôr em andamento o Espetáculo Itinerante de Rivalidade Fraterna no meio do meu problema. Eu perdi a razão. E descontei neles, ainda que eles não o merecessem. Eles arregalaram os olhos como se eu fosse um monstro da Alfa Centauro, enquanto eu delirava numa língua desconhecida.

No meio de um ataque de cólera eu tive uma experiência extracorpórea. Vi minha face distorcida e vermelha gritando para os meus encantadores meninos e soube imediatamente que eu estava fazendo alguma coisa horrível. Então eu parei e pedi desculpas a eles, certo? Errado. Algo estava me controlando - como se algum estranho tivesse invadido meu corpo e me forçasse a fazer a vontade dele. Foi bem depois de eles terem fugido da minha raiva que eu recobrei a minha sanidade e a minha consciência e me humilhei perante eles com pedidos de desculpas.

Em seguida eu passei diversos dias me sentindo como um cachorrinho que tivesse apanhado. Seria eu na realidade aquele perverso? Como pude ferir meus filhos daquela maneira? O mal que eu havia feito seria irreparável? Eles me perdoariam? Deus me perdoaria?

Alguma coisa assim já aconteceu com você?

Quando leio Romanos 7, eu me sinto consolado porque Paulo se sentiu do mesmo modo.[1] Ele me ajuda a entender minha loucura e me dá alguns termos teológicos substanciais para isso: "lei do pecado" (Rm 7.23), "esse corpo da morte" (v. 24), "minha natureza pecadora" ("minha carne" em muitas traduções, v. 18), "o pecado que habita em mim" (v. 17), simplesmente "pecado" (v. 11) e "a lei do pecado e da morte" (8.2). Os teólogos gostam de

chamar isso de "o pecado que habita em nós".[2] De qualquer modo que o chamemos, ele é um inimigo de Deus e da nossa alma.[3] A razão para este livro é que o primeiro passo para combater esse inimigo é conhecê-lo - e conhecê-lo bem.

O fundamento do nosso conhecimento do poder do pecado que habita na vida do crente está assentado na própria experiência de Paulo. Ele abriu caminho com luta até, por vezes, ser quase derrotado nas cordas, clamando à beira da derrota (Rm 7.23,24). Ainda assim, quando soava o gongo, ele levantava-se com seus pés no pescoço do seu inimigo e erguia a mão para receber a coroa da justiça (2Tm 4.7,8).

Quatro verdades-chave

Se quisermos compartilhar da vitória sobre a carne sangrenta, teremos de seguir Paulo até dentro da luta. E quando o fizermos, descobriremos as mesmas quatro verdades que o humilharam na batalha, todas expressas num versículo:

> Então ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim (Rm 7. 21).

1. O fato de o pecado habitar em nós é uma "lei". A "lei" a que Paulo se refere é a mesma coisa que ele chama de "pecado que habita em mim" nos versículos 20 e 23. É sobre esse pecado residente que nós estamos falando. Por que chamá-lo de *lei?*

Paulo usa "lei" como uma metáfora. Ele precisa de um modo para expressar o poder, a autoridade, a limitação e o controle que o pecado exerce na nossa vida, e toma "lei" com um toque de ironia. Antes, no início

do capítulo, ele havia escrito sobre a lei *de Deus*, que deveria governar a nossa vida, ainda que a lei do pecado pareça vencer muitas batalhas no corpo a corpo. Poderia ele ter escolhido um contraste mais maravilhoso para desmascarar as forças mortais do pecado?

Medite sobre a metáfora da lei por um minuto. Nós podemos pensar sobre ela de um lado como uma regra moral que nos orienta e nos manda fazer o que ela requer ("Honra teu pai e tua mãe") ou não fazer o que ela proíbe ("Não matarás"). Mais do que isso, uma lei que nos leva a obedecer com ofertas de recompensa ("para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá"). E nos compele à submissão por meio de ameaças de punição pela desobediência (multa de R$ 1.250,00 por transgressão).

Por outro lado, nós também podemos pensar na lei do modo como falamos da "lei da natureza." A gravidade, por exemplo, é uma lei que obriga as coisas a tomarem uma direção. Ela nos molda perfeitamente aos seus "comandos". A gravidade não é uma lei como uma idéia ou um preceito externo, mas uma força que pode fazer os objetos "obedecerem" à sua "vontade". Nesse sentido, toda necessidade e inclinação em nós é uma lei. A fome é uma lei, a sede, a atração sexual, o medo - cada uma nos impele a cumprir suas exigências, e cada uma tem uma força para nos levar a nos inclinar em submissão.

O mal que reside em nós funciona desta maneira - atraindo, ameaçando e até mesmo maltratando. De modo que Paulo a chama de uma lei para que possamos ver que ela é poderosa mesmo na vida dos crentes e que está constantemente agindo para nos moldar de acordo com seu caráter pecaminoso.

Isso leva à pergunta: "Em que sentido Cristo derrotou o pecado no crente?" A resposta é que ele derrubou o seu

domínio, enfraqueceu o seu poder e matou até as suas raízes de maneira que não possa dar o fruto da morte eterna no crente. Mas ainda - e isso é espantoso, mas verdadeiro - o pecado é pecado; sua natureza e seu propósito permanecem inalterados; sua força e seu sucesso ainda nos agarram pela garganta.[4]

2. *Nós encontramos essa lei dentro de nós.* Paulo tinha ouvido histórias de horror sobre o pecado ao longo de toda a sua vida. Ele tinha visto incontáveis dedos em riste apontados para o seu rosto e prevenindo-o quanto ao poder do pecado. Mas em Romanos 7. 21 ele saiu da confortável teoria para a experiência turbulenta: ele *encontrou* essa lei. Uma coisa é a pessoa juntar-se a um grupo e analisar criticamente dissertações sobre o pecado original; uma coisa muito diferente é encontrar-se submetido pela sua força e loucura. Uma coisa é assistir a uma conferência sobre AIDS - como ela se espalha, o que ela faz ao corpo, o quanto ela é invencível, e outra coisa é ouvir o seu médico dizer para você: "HIV positivo - sinto muito".

Poucas pessoas têm chegado a um acordo com a lei do pecado. Se isso tivesse acontecido com mais pessoas, nós ouviríamos mais queixas contra ela nas orações, veríamos mais lutas contra ela e encontraríamos menos de seus frutos pelo mundo. Quando encontramos essa lei em nós o "Quem me livrará?" de Paulo ecoa pelos nossos ossos.

Os crentes são as únicas pessoas que encontram a lei do pecado operando dentro deles. Os descrentes não têm como sentir isso. A lei do pecado é um rio furioso, que os leva consigo; eles não podem medir a força da correnteza, porque eles se renderam a ela, e por ela foram levados embora. Um crente, por outro lado, nada contra a correnteza - ele encara o pecado de cabeça erguida e esforça-se debaixo de sua força.

3. Nós encontramos essa lei quando estamos nas melhores condições. Embora essa lei do pecado seja muito poderosa, ela não governa o coração do crente. Paulo a encontrava operando nele mesmo quando *ele queria fazer o bem.* Ele não tropeçou nela em ocasiões em que estava pecando grandemente, ou quando ele estava indiferente quanto às coisas de Deus. Ele estava consciente dela mesmo quando ele mais queria servir a Deus, quando ele se decidiu obedecer seu Salvador e Rei, quando Cristo dirigia o seu coração.

A despeito do fato de que a lei do pecado opera a partir de dentro e ataca os crentes quando estão dando o melhor de si, ela não é o seu ditador. Os crentes marcham num compasso diferente: "Eu quero fazer o bem", Paulo diz (Rm 7.21) - Eu quero agradar a Deus, dar-lhe glória, servir seu povo, honrar seu nome. Pela graça de Deus o desejo de obedecê-lo normalmente prevalece em nós, mesmo contra seu insidioso inimigo interior.[5]

4. Essa lei nunca descansa. Uma vez que a graça governa o coração do crente, ele quer fazer o bem. Nós podemos descrever esse desejo de duas maneiras. Primeiro, existe o seu constante e generalizado desejo de agradar a Deus (v. 18). Segundo, há ocasiões em que o crente tem em mente uma tarefa particular que ele queira cumprir, tais como orar em particular ou dar um décimo de seus rendimentos para Deus ("Ao querer fazer o bem" - v. 21). A lei do pecado se opõe a ambos.

A "lei do pecado e da morte" está numa constante guerra contra o desejo primordial do crente de agradar a Deus (vs. 14-25). Mas o pecado vai mais longe: quando o crente decide fazer até mesmo o mais simples trabalho para Deus, o pecado luta contra ele exatamente nesse ponto ("O mal

reside em mim" - v. 21), tornando-o sonolento ou distraído quando deveria orar, ou pão-duro e ambicioso quando deveria dar o dízimo.

Você às vezes não se sente como o dr. Jekyll e mr. Hyde? Todo crente que é também um pecador (isto é, todos os crentes) se sente. "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5. 17).

Quem me livrará?

Informe-se

Nós estamos no começo da obediência a Deus. Entender essas quatro verdades sobre o pecado latente é armar-se contra ele. Na sua luta contra o pecado, existe apenas uma coisa mais importante a ser compreendida do que esses quatro fatos: a livre e justificadora graça de Deus no sangue de Cristo. A Graça de Deus em Cristo e a lei do pecado são as duas fontes de toda a sua santidade e pecado, alegria e dificuldades, refrigério e tristeza. Se você está disposto a andar com Deus e glorificá-lo neste mundo, você precisa conhecer ambos a fundo.

Suponha que existe um reino que tem dentro de seus muros duas poderosas forças opostas. Os súditos do rei estão sempre se estranhando, sempre tramando e lutando entre si. Se o rei não tiver sabedoria, seu reino se transformará em ruínas.[6] A lei do pecado e a lei do Espírito da vida (Rm 8.2) em nós são inimigos mortais. Se não formos espiritualmente sábios em dirigir a nossa alma, como podemos evitar destroçarmos nós mesmos?

Mas muitas pessoas vivem nas trevas e na ignorância sobre seu próprio coração. Elas mantêm um cuidadoso registro dos seus investimentos na bolsa de valores e fa-

zem freqüentes *check-ups* médicos; cuidam da alimentação e fazem ginástica na academia três a quatro vezes por semana para manter o corpo em perfeita ordem. Mas quantas pessoas concedem o mínimo pensamento à própria alma? Se é importante vigiar e cuidar do nosso corpo e dos nossos investimentos, que logo estarão mortos e apodrecerão, quanto mais importante é para nós guardarmos a nossa alma imortal?

Conhecer o pecado que habita em nós, por mais humilhante e desencorajador que possa ser, é nossa *sabedoria* - se é que temos algum interesse em descobrir o que agrada ao Senhor (Ef 5.10) e evitar qualquer coisa que entristeça o seu Santo Espírito (Ef 4.30).

Questões para reflexão e discussão

1. Leia Romanos 7.14 a 25. Que frase - ou frases - melhor descreve sua experiência pessoal?
2. Você pode pensar em maneiras nas quais a lei do pecado oferece recompensa pela sua obediência e ameaças de punição para quem a ignora? (Isso antecipa o próximo capítulo.)
3. Pense numa ocasião em que você "encontrou" a lei do pecado em você - quando ela parecia tomar posse de você e curvá-lo, por assim dizer, contra a sua vontade. Se puder, descreva essa época para seu grupo.
4. O que você considera a coisa mais frustrante referente ao pecado no seu coração?
5. Se é verdade que a lei do pecado em você nunca descansa, qual é a sua esperança?

6. Leia Lucas 12.15 e Mateus 26.41. À luz deste capítulo, descreva os cuidados diários que você precisa para dar ouvidos às advertências de Jesus.

7. O que você espera obter pelo estudo deste livro? Escreva uma oração no espaço abaixo, pedindo a Deus que isso se concretize na sua vida.

2 *O longo braço da lei*

Se um rinoceronte entrasse neste restaurante agora,
não se pode negar que ele teria grande poder aqui.
Mas eu seria o primeiro a me levantar e torná-lo ciente
de que ele não tinha qualquer autoridade.

G. K. Chesterton

A carne é um rinoceronte

A lei do pecado para os crentes é como o rinoceronte de Chesterton. A única regra moral e autorizada sobre os crentes é o reino e o reinado de Deus. O pecado que habita no coração é um usurpador do trono que, como o rinoceronte, pode às vezes se impor sobre nós. Ainda que nós nos levantemos e lhe dizemos que ele não tem autoridade, ele pode nos empurrar em volta do restaurante.

A lei do pecado nos empurra do mesmo modo que outras leis motivam a nossa obediência: com promessas e ameaças. Lembra da cerimônia da aliança em Deuteronômio 27 e 28? Metade das tribos de Israel estava na encosta do Monte Ebal, e a outra metade no vale do Monte Gerizim. Os que estavam sobre o Monte Ebal clamavam maldições sobre aqueles que desobedecessem à lei; e os que estavam sobre o Monte Gerizim proclamavam bênçãos aos obedientes. Quando existe uma força por trás das ameaças e promessas que podem lhes fazer bem, as pessoas são motivadas a obedecer.

As Recompensas do Pecado

Os prazeres do pecado são a recompensa que ele oferece - recompensas pelas quais a maioria das pessoas venderia a própria alma. Hebreus 11. 24 a 26 faz alusão a uma batalha pelo coração de Moisés:

> Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir *prazeres transitórios do pecado;* porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão.

A batalha era entre a lei do pecado e a lei da graça. As recompensas que o pecado ofereceu a Moisés devem ter sido grandes: honra entre os egípcios, riquezas além de qualquer coisa que ele pudesse ver entre o povo de Israel, os deleites intelectuais de debater com as mais altas mentes do Egito, os prazeres sensuais da comida fina, mulheres e diversões. Você pode ver em seu próprio coração o quão convincentes e escravizadoras são as recompensas do pecado. Moisés é um dos poucos em quem as recompensas da *graça* prevaleceram.

As Punições do Pecado

Uma coisa que Moisés enfrentou por não ter se inclinado ao pecado foi uma vida de "maus-tratos" e "opróbrio" (vs. 25, 26). Essas são as ameaças de punição pela *desobediência* à lei do pecado (que é obedecer a Deus). Toda sorte de males, dificuldades e perigos neste mundo são prometidos àqueles que seguem a Cristo,[1] e o pecado adora exibi-los diante dos olhos dos crentes.

Além do sofrimento por seguir a Cristo, existem os sofrimentos da cruz e da autonegação para os quais os

crentes são chamados, e a difícil obra de matar o pecado. O escritor de Hebreus fala em resistir ao pecado até ao sangue (Hb 12.4). A vida de discípulo não é para o medroso. A maioria prefere se entregar ao pecado do que optar pela dolorosa obra de tomar a sua cruz e nela pregar a sua carne.[2]

Um Trabalho Interior

Dante encontrou Brutus, Cássio e Judas no mais profundo buraco do inferno.[3] Aqueles que são traidores, que ganham a confiança de seus amigos e então os trai, são os mais perversos de todos. O pecado que habita em nós é o nosso Judas.

A lei do pecado não trabalha em nós do lado de fora. Nós a carregamos dentro de nós. Não se trata de uma lei escrita, que simplesmente nos dirige por decreto. Ela é inata - trabalhando, compelindo e incitando-nos, das profundezas do nosso coração. Paulo a chama de "o pecado que habita em mim" (Rm 7.17), "o mal reside em mim" (v. 21) "outra lei trabalhando nos membros do meu corpo" e "a lei do pecado trabalhando nos meus membros" (v. 23). No versículo 18 ele diz: "Porque eu sei que em *mim*, isto é, na minha *carne*". Paulo é a lei do pecado, em algum sentido.

É por isso que, na antiga aliança, Deus promete circuncidar o coração de seu povo (Dt 30.6), e, na nova, escrever a sua lei nos seus corações (Jr 31.31-33). Nenhuma mera lei escrita pode se constituir numa ameaça contra a lei do pecado que opera a partir de dentro. Agitar uma cópia dos Dez Mandamentos no rosto de alguém que esteja dominado pelo pecado e ordenar que ele se submeta é tão eficiente como tentar fazer um rinoceronte pular batendo nas ancas dele com uma folha de capim. O rinoceronte

está inconsciente. A glória da aliança da graça é que nela a lei de Deus encontra a lei do pecado num campo de jogo nivelado, onde a santa lei de Deus levará a melhor.

O pecado entra debaixo da nossa pele

E mais, desde que a lei do pecado está dentro de nós, ela tem algumas vantagens irritantes:

1. O pecado que habita em nós é um visitante inoportuno. Ele se estabeleceu em nós e está em casa (Rm 7.17, 20). Se o pecado nos visitasse apenas de vez em quando, como um parente indesejado, nós poderíamos fazer muitas coisas boas enquanto ele estivesse longe. Se ele fosse como um exército que ataca, e então recua por um momento, nós poderíamos nos revigorar e fortificar as nossas defesas durante o período de calma. Mas a carne é um agressor caseiro implacável.

Onde quer que você vá, o que quer que você faça, a lei do pecado está com você passo a passo - no que você fizer de melhor, no que você fizer de pior. Quantas vezes você pensa sobre o fato de que você carrega por aí, em você, um companheiro mortal?

2. O pecado que habita em nós não guarda o sábado. Justamente quando Paulo estava pronto a fazer alguma coisa santa e amável, o pecado estava ao seu lado (v. 21). O pecado não é apenas um hóspede permanente; ele é um intrometido miserável. Está sempre metendo o nariz, olhando por cima do seu ombro, cochichando no seu ouvido.

Você quer orar? Ouvir um sermão? Meditar sobre a palavra? Fazer uma generosa doação para o reino? Encorajar um irmão? Resistir à tentação? Essa peste odiosa e perversa está na sua frente com milhares de distrações

e surpresas, certificando-se de que você não possa alcançar o bem que você pretende (v. 18; Gl 5.17). E isso nos deixa desesperados.

3. O pecado faz seu trabalho sujo com a maior facilidade. Uma vez que ele trabalha de dentro, ele "nos assedia" (Hb 12.1). Ele não precisa de ajuda externa (ainda que o diabo e o mundo estejam sempre dispostos a dar uma mãozinha). Não existe dever espiritual, nada de bom a que você se proponha, sem que sinta o sopro da resistência do pecado no seu rosto. Deus te ordena a acreditar que ele é bom e sábio quando você perde um amigo? O pecado dentro de nós age furtivamente semeando dúvida e desconfiança. Deus manda que você ajude um vizinho em necessidade? Lá está o pecado com a apatia e o pão-durismo à mão. Deus quer que você deseje a vinda de Cristo? Aqui está o pecado, agitando diante dos seus olhos as quinquilharias deste mundo.

Você está lutando contra o rinoceronte?

Se você leu este capítulo e vê um áspero chifre se inclinando sobre a sua alma, sua carne bufando e com suas garras prontas para atacar, existe esperança. Quanto mais você descobre o poder do pecado interior, menos você sofrerá os seus efeitos. Porque quanto melhor você conhecer esse rinoceronte, mais você irá odiá-lo; e na medida em que você o odiar - e não mais que isso - você conquistará graça contra ele.

Mas se você não estiver driblando o chifre do rinoceronte dia e noite numa luta contra o pecado, pode ser que você tenha feito as pazes com o rinoceronte. Você está voluntária e alegremente sob o poder e a direção

dele. Nesse caso, você deveria duvidar de que tenha nascido de Deus. Ninguém que é nascido de Deus pode conviver em paz com o pecado (1Jo 3.9). Eu apelo a você, pelo bem da sua alma: Corra para Cristo! Somente ele pode matar o rinoceronte que está dentro do seu coração.

Questões para reflexão e discussão

1. Se os clamores deste capítulo são verdadeiros, então quais são as obrigações dos crentes para conhecer o poder do pecado interior? Como pode o fato de nós conhecermos o poder da carne nos ajudar?
2. Por outro lado, se esses clamores são verdadeiros, que perigo pode existir para nós se ignorarmos o pecado interior? Como é possível ignorar esse rinoceronte?
3. Que armas você pensa que precisa para combater esse inimigo dentro de você? Como você pode carregá-las para usar contra o pecado interior?
4. Faça uma lista das recompensas oferecidas pela lei do pecado para o adultério, pela vingança, pelo mexerico e pela preguiça espiritual. Qual dessas recompensas você acha mais tentadora?
5. Faça uma lista de algumas das cargas e cruzes impostas pelo chamado de Cristo para segui-lo no trabalho ou na escola, no casamento ou no ministério. Que cargas você menos quer levar? Que cruzes você mais reluta em pôr sobre os ombros?

3 A casa mal-assombrada

Pobre alma complicada! Enigmática,
perplexa, um labirinto!

John Donne

"Eu vou se você for."

"Talvez fosse melhor a gente ir para casa - é tarde - eu não avisei os meus pais."

"Medrosa!"

"Não sou! - é que apenas - não temos tempo."

"Ah, você está com medo; tudo bem - você acredita nas histórias, não é?"

"Está bem, Senhor 'Destemido', vamos entrar - mas se eu ficar presa, a culpa será sua."

"Negócio fechado. Vamos lá."

O rapaz e a moça passam por um portão de ferro batido preso apenas por uma dobradiça e chegam a um átrio mal-cuidado. Folhas mortas cobrem uma alameda, e uma mansão vitoriana em ruínas diante deles geme contra um vento repentino. O céu se lamenta sobre a cabeça deles e raios dançam acima das cumeeiras.

É assim que começa todas as cenas de uma casa mal-assombrada em qualquer dos filmes de terror que já foram feitos. Depois, um dos heróis tropeça numa tábua

apodrecida da varanda, eles encontram a porta que não está fechada e entram, enquanto nós sussurramos: "Não entrem aí!" Nós os seguimos pelos quartos e salas cheios de teias de aranha, e então nossa pulsação se acelera e nossa respiração diminui, sabendo que alguma coisa horrenda vai pular, cair ou sair voando de um armário, pela janela, de trás da porta - ou talvez vá agarrar um deles no porão ou no sótão. Ou, melhor, debaixo da escada eles vão achar uma passagem secreta que leva ao que parece ser um laboratório abandonado. Em cima de uma laje há um pano cobrindo um corpo. Tolos como são, os nossos heróis puxam a coberta - uma face desfigurada os faz pular, mas ela está imóvel, com os olhos fechados. Eles se viram para ir, e nós relaxamos. Então a criatura se levanta e agarra a ambos por trás!

A casa mal-assombrada nos assusta porque ela esconde alguma coisa desconhecida e mortal. Ela tem incontáveis guarda-roupas, armários, paredes falsas, alçapões, sótãos, porões - cantos e sombras onde o monstro fica de tocaia, lambendo os beiços.

Você tem uma casa mal-assobrada dentro de você: o seu coração.

O coração mal-assombrado

O coração é um labirinto que só Deus pode decifrar (Jr 17.9,10). Os computadores não podem decifrar-lhe a planta. Nós modestamente admitimos que não podemos conhecer o coração das outras pessoas, mas a verdade é que não podemos conhecer o nosso próprio coração. Você sabe por que sempre escolhe chocolate e não baunilha? Por que um dia sua paixão fala mais alto e no outro você é uma folha morta levada pelo vento? Você pode enumerar todos os acontecimentos e imagens que impressionaram o seu

coração e o fizeram inclinar-se para lá ou para cá? Nunca se surpreendeu com a insinceridade e até mesmo a intriga que encontrou no seu próprio coração?

Mas o coração é mais do que complicado e insondável: "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas" (v. 9). Todas as noites Tom Brokaw nos conta de sombrios esquemas fraudulentos na política e nos negócios. As pessoas encontram brechas na lei para usar seu dinheiro docemente ganho na construção de majestosas redomas de prazer em Xanadu. Porém o mais sórdido negócio no quarto dos fundos da Máfia não pode se igualar ao engano no seu coração. O coração "é enganoso mais do que *todas* as coisas".

Você duvida? Pense no quanto você é instável. Num dia você é um sábio, no dia seguinte é um palhaço. Você pode estar aberto e encorajador ou reservado e tristonho, fácil de ser levado ou um verdadeiro excêntrico, romântico ou gélido. Num dia Jesus é todo o mundo para você; no dia seguinte, você ama o mundo mais que o rei Midas amou.

E pense nas suas inconsistências. Sua mente diz que é correto dar o dízimo, e a sua vontade coloca o dinheiro na salva - mas tudo o que você queria é que Deus não fosse tão exigente. Ou você sabe que a secreta comunhão com Deus é uma festa para a sua alma, e você a deseja - mas você não pode rolar para fora da cama, ou, se conseguir fazer isso, sua mente focaliza qualquer lugar no universo menos o céu. Ou a sua mente sabe que a luxúria é nociva e perigosa, mas à noite você vai dormir imaginando um fim de semana em Monterey com o bonitão (ou bonitona) de dois andares abaixo.

Os horrores escondidos

Esse inescrutável, enganoso coração é onde o pecado se esconde. O Pregador disse: "também o coração dos

homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem" (Ec 9.3). Jesus chamou o coração de fonte do pecado (Mt 15.19), e de o mau tesouro de onde tiramos o mal (Lc 6.45). Junte tudo isso e terá uma cena que nenhum diretor de cinema teria coragem de apresentar. Ele jamais poderia planejar uma casa tão complexa como o seu coração, ou juntar monstros suficientes para enchê-la.

O que é esse coração?

O termo *coração* é usado de diferentes modos na Bíblia. Por vezes é a mente que crê e que é iluminada (Rm 10.10; Ef 1.18), a vontade que decide e age (2Co 9.7; Ef 6.6) ou os sentimentos afetivos[1] (2Co 2.4). Em Hebreus 4.12 o coração pensa *e* sente. A melhor maneira de você pensar no seu coração é que ele é composto de:

- seus pensamentos, planos, julgamentos e discernimentos (a *mente*);
- suas escolhas e ações (a *vontade*);
- seus anelos, desejos, repugnâncias, imaginação e sentimentos (as *afeições*);
- seu senso de certo e errado, que aprova ou condena seus pensamentos, sua vontade e suas afeições (a *consciência*).

Tudo isso é insondável e enganoso acima de todas as coisas.

Mas o crente tem um *novo* coração (Ez 36.26), uma *nova* mente - até mesmo a mente de *Cristo* (Rm 7.25; 1Co 2.16) e um novo *desejo* pelas coisas de Deus (Rm 7.18; 2Co 5.2; Hb 13.18) Mas nesse coração renovado a obra de Deus ainda não esta terminada (1Jo 3.2). A mente não

pode ver tão claramente como ela gostaria (1Co 13.9, 12), os desejos podem estar em conflito (Gl 2.11-13) e a carne não pode fazer a inteira vontade de Deus (Gl 5.17). Nos crentes, a carne permanece insondável e enganosa.

A vantagem da carne

Você gostaria de enfrentar um inimigo que, justamente quando você o derrota, ele se arrasta para uma caverna ou um túnel aonde você não pode segui-lo? Um inimigo que se esconde fora de seu alcance, deixando você descansar o tempo suficiente para pensar que ele se foi para sempre, mas de repente cai, não se sabe de onde nas suas costas? Essa é a vantagem que o pecado interior tem sobre nós - ele se esconde numa insondável e enganosa fortaleza, onde você não o pode achar.

Você já batalhou contra algum desejo - orou e jejuou e buscou conselho contra ele - para depois o ver mover-se furtivamente à noite? Você pensou que o tinha derrotado. Pensou que pudesse prosseguir na sua vida espiritual. Mas um dia você estava vendo televisão, e um comercial de *jeans* Calvin Klein fez com que fervesse um punhado de desejos maliciosos. O pecado pode ser como as velas de aniversário que voltam a acender: Você as assopra e ri, então o seu queixo cai quando elas brilham em chamas novamente.

Não se render

Nunca pense por um minuto que a guerra contra o pecado tenha terminado nesta vida. Não existe sequer um cessar-fogo. Muitos generais foram surpreendidos por estarem descuidados depois da vitória. Incontáveis crentes

têm sido emboscados exatamente quando estavam para dar um grande passo adiante na fé. Davi, por exemplo, viveu uma longa vida de devoção e de serviço a Deus, e viu misericórdia sobre misericórdia das mãos de Deus; então o pecado veio na ponta dos pés por detrás dele, no escuro, e o apunhalou pelas costas.

Se você guerreia violentamente contra a sua carne, você vai ganhar terreno. Ele vai enfraquecer, e você crescerá em graça na imagem de Cristo. No entanto, o trabalho não pode parar enquanto estivermos neste mundo. Se você cortar qualquer pedaço da carne, verá que ela vai se juntar de novo e reviver. Você pode acabar até pior do que era antes (cf. Lc 11.24-26).

Atente às advertências que enchem as Escrituras:

> Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em suas almas.
>
> Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue (Hb 12.1-4).

> E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus (Mt 16.6).

> Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca (Mt 26.41).

Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui (Lc 12.15).

Sede vigilantes, permanecei firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos (1Co 16.13).

Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza (2Pe 3.17).

A vantagem do crente

Por mais infindável e complicada que essa guerra seja, os crentes entram nela com confiança: O Espírito Santo tira o horror do *show* de horror. Nós não conhecemos o nosso coração, mas ele conhece (Sl 139). Ele é uma tocha luminosa que nós levamos para dentro da casa mal-assombrada, e expõe os monstros. Ele nos leva a um armário debaixo da escada e descobre um ódio em agitação. Ilumina a parte de baixo da cama e mostra uma luxúria hipócrita. Nenhum pecado escapa ao seu olho perscrutador.

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno (vs. 23,24).

Questões para reflexão e discussão

1. Muitos crentes estão convencidos de que a carne pode ser vencida numa única ocasião de crise, da qual eles podem passar para uma vida livre de lutas contra o pecado. O que você acha?[2]

2. Se você concorda que a batalha contra a carne nunca termina nesta vida, por que você acha que Deus estabeleceu as coisas desse modo? Por que você acha que nós iríamos preferir uma luta com nocaute no primeiro assalto para decidir isso?

3. Sob o título "Não se render", há uma lista com várias advertências tiradas das Escrituras. Descreva maneiras específicas pelas quais você pode levar a sério essas advertências.

4. O Espírito é o nosso único socorro para sondar os pecados escondidos no nosso coração. Usando o Salmo 139 como ponto de partida, tome um dia para cada um destes três temas: sua mente, sua vontade e suas afeições. Medite na obra do Espírito. Então peça a ele para sondar o seu coração e tirar os piores pecados que ele possa achar. Confesse-os, chore sobre eles e os odeie. Peça a misericórdia de Cristo e a ajuda do Espírito para esmagá-los.

4 *Diferenças irreconciliáveis*

Eu me movo em tua direção, tu, baleia que a tudo destrói mas
que és inconquistável; ao fim eu combato contigo;
do coração do inferno eu te golpeio; pelo amor ao ódio
eu te cuspo o meu último alento.

Herman Melvile

Ódio impecável

A literatura arde no fogo lento do ódio: Shylock sofre por sua libra de carne em *O Mercador de Veneza*. Javert persegue Jean Valjean através das mil e seiscentas páginas de *Os Miseráveis*. Weston, o arquivilão de C. S. Lewis degenera de facínora em *Out of the Silent Planet* para "sub-humano" em *Perelandra*, rasgando as costas de rãs com a unha do polegar e deixando-as para morrer. Mas o ódio que esses personagens sentem não pode ser comparado com a eterna malícia do Capitão Acabe em *Moby Dick*. Acabe persegue a Baleia Branca pelos oceanos do mundo. Ele não hesita nem por um momento em arriscar o seu navio e todas as vidas que ele leva, se apenas puder empurrar seu arpão para dentro daquele olho terrível.

Moby Dick é um retrato da nossa batalha selvagem: digamos que a Baleia Branca represente Deus - mas não se apresse em fazer do Capitão Acabe a carne. Acabe é

o *inimigo* da baleia, mas Paulo diz que a carne é mais que inimiga de Deus: ela é a *inimizade*, a hostilidade, o próprio ódio.

> Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.[1] (Rm 8.7).

Se a baleia é Deus e o ódio de Acabe é a carne, então quem é o Capitão Acabe?

É você.

Paz impossível

Dois inimigos, não importa quão profundo seja o rio de suas amarguras, podem fazer as pazes - mas somente se a hostilidade entre eles for destruída. É impossível fazer as pazes com a própria hostilidade. Assim, quando Paulo identifica a carne com a inimizade e o ódio a Deus, ele elimina qualquer esperança de que a carne se inclinará para Deus ou fará amizade com ele. Um acordo entre Deus e a carne é impossível.

Em Romanos 5.10 Paulo diz que nós éramos inimigos de Deus - todos nós éramos o Capitão Acabe. Cristo é o pacificador no evangelho, que usou a sua morte para matar a hostilidade que havia entre nós e Deus.[2] Nosso "velho homem" (a carne) foi crucificado com Cristo (Rm 6.6), que o deixou sem poder para nos governar e escravizar, bem como produzir em nós o fruto da morte eterna. Quando ele aparecer, aniquilará a carne para sempre. Essa é a única maneira de se tratar com a inimizade: destruí-la.

Mas toda gota de veneno é veneno; toda fagulha é fogo; e o último pedaço de carne que permanece no crente

continua sendo inimizade. Quando a graça de Deus transforma a nossa natureza, ela não transforma a natureza da carne. Ela a conquista, a enfraquece e a fere mortalmente, de maneira que nós não somos mais o capitão Acabe por natureza; no entanto, a sua desafiante malignidade permanece latente em nossa carne. Na época em que Paulo escreveu aos Romanos, ele era a imagem do cristão tanto quanto alguém deste lado do céu pode ser, e ele certamente passou os seus dias matando a sua carne. Ainda assim ele clamava para ser liberto desse inimigo irreconciliável.

> Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (Rm 7.24)

Gemendo pelo céu

Deus é amor. Sua natureza é de uma beleza e amabilidade intocadas. Ele é de uma excelência eterna, e deve ser amado acima de toda criatura. Ele derramou sobre nós a sua beleza e seu amor em seu Filho, tornando-nos novas pessoas nele, enchendo-nos de esperanças e expectativas de um dia habitarmos com ele na sua casa, o salão do trono do amor. Mas os restos da carne nos deixam numa situação de angústia. Contra esse Deus nós carregamos dentro de nós uma inimizade que não pode ser apaziguada.

Este é o poder desgastante do pecado no crente: ele não aceita um cessar-fogo, muito menos um tratado de paz. Portanto, como poderemos esperar qualquer descanso provindo da carne a não ser matando-a? Como podemos ter esperança de livrar-nos completamente dela a não ser no céu?

Um exército invasor por vezes pode ser persuadido a baixar suas armas quando lhe é dado o que ele quer: uma porção de terra ou a promessa de pagamento do tributo. Algumas pessoas pensam que elas podem aquietar a fúria da carne da mesma maneira. Assim elas procuram maneiras de gratificar os desejos da carne (Rm 13.14). Isso é apagar fogo com gasolina. O pecado não vai aplacar a carne, vai apenas atiçá-la.

Inimigo suficiente

Você não vai conseguir ser campeão mundial dos pesos pesados lutando quinze assaltos contra Woody Allen. Para ser o maior, você tem de derrubar o atual campeão da categoria. A carne escolheu bem um inimigo: ela é "inimizade contra *Deus*". Algumas vezes pensamos sobre a carne como *nosso* inimigo; mas ela nos odeia somente porque Deus está em nós: "A carne milita contra o Espírito" em nós (Gl 5.17).

O que é mais fácil: sentar-se com um balde de pipoca na manteiga e assistir Tom Cruise na tela grande por duas horas, ou ficar de joelhos e orar por cinco minutos? Tom Cruise vence com a maior facilidade, porque literalmente não há competição. O que a carne odeia é Deus, então ela resiste a qualquer coisa que se aproxime de Deus - especialmente à comunhão com ele. A carne pode se enrolar ao seu lado e assistir a filmes sem qualquer conteúdo por uma noite inteira. Mas deixe que mesmo o mais leve pensamento sobre meditação passe pela sua mente, e a carne aciona o Alerta Vermelho. Antes que você passe do "Pai Nosso," seus olhos, que estavam grudados na tela, fecham-se cheios de sonolência, e a sua atenção, que estava tão presa ao enredo, move-se

em volta do universo mais rapidamente do que a nave espacial Enterprise.

O ódio da carne a Deus pode ser explicado. Pense sobre o culto. Em sua essência, o culto é alta comunhão com Deus, então a carne deveria se encolher à porta do santuário. Mas e se uma pessoa quiser desempenhar as formas exteriores de culto sem se aproximar de Deus em seu coração? Ela pode querer desempenhar as suas obrigações no culto como um fariseu que quer acumular pontos com Deus. Ou ela pode gostar da música na igreja por causa do balanço. Ou talvez apenas por estar no edifício da igreja a faça sentir-se segura. Será que a carne vai levantar um dedo para excomungar esse tipo de adorador?

Você pode sentir a hostilidade da carne sempre que você se aproxima de Deus - ela transforma o amor real por ele em trabalho: Cavar na Bíblia para achar uma nova interpretação interessante para impressionar o seu pequeno grupo é como navegar no Caribe, mas estudar minuciosamente as Escrituras para descobrir o Amante da sua alma é como pular *sobre* o Monte Everest. Evocar um humor alegre com alguma música cuja letra você nem sabe é o mesmo que fazer uma conta de 2 + 2 com uma calculadora. Mas saborear a glória de Cristo e seu terno amor até que o seu coração se apaixone por ele é como usar cálculo mental para calcular o pi à milésima potência. E dar um presente de aniversário para o seu melhor amigo é como engolir alguns bombons de chocolate com amêndoa. Mas dar o seu quarto de hóspedes a uma pessoa sem lar no nome de Jesus é como comer as Montanhas Rochosas no café da manhã.[3]

Eu odeio tudo sobre você

Um casal à beira do divórcio tem a esperança de poder encontrar um ponto em comum. Se ambos gostarem de pesca no gelo, por exemplo, um fim de semana num lago gelado pode ser um lugar calmo em meio à sua tempestade doméstica. Eles podem até redescobrir o seu espírito de equipe ao tirar da água um peixe de um metro e quarenta.

Se houvesse a menor coisa sobre Deus que a carne pudesse apreciar, o crente poderia ter um constante abrigo e refúgio do pecado e seu ódio. Se a carne não se importasse com a sabedoria de Deus, por exemplo, a alma poderia meditar no mistério do evangelho de dia e de noite sem se cansar, e encontrar força constante no plano de Deus para o salvar. Mas a carne odeia tudo que se refere a Deus. Uma vez que ela resiste a tudo sobre Deus, ela resiste a qualquer coisa que tentemos para prová-lo, conhecê-lo e amá-lo. E quanto mais alguma coisa nos capacita a encontrar Deus e mostrar nossa alegria, mais violentamente a carne lutará contra isso.

Ela leva sua batalha a cada quartel da alma: quando a mente quer conhecer a Deus, a carne impõe a ignorância, as trevas, o erro e os pensamentos triviais. A vontade não pode se mover na direção de Deus sem sentir o peso da obstinação a retê-la. E as afeições, querendo ansiar por Deus, estão constantemente lutando contra a infecção da sensualidade ou a doença da indiferença.

Nossa maldição do capitão

O Capitão Acabe foi levado pela sua fúria a perseguir a baleia até o fim. A carne é levada exatamente dessa mesma maneira, e irá, com seu último suspiro insultar a

Deus. Mas existe em nós um Guerreiro que está comprometido desse mesmo modo com a destruição da carne. O Espírito guerreia contra a carne (Gl 5.17). Cheios do Espírito, cheios do poder do amor de Deus por nós e nosso amor por ele, nós nos viramos contra a carne com nossa própria maldição do Capitão:

> Eu me movo em sua direção, tu, baleia que a tudo destrói mas que és inconquistável; ao fim eu combato contigo; do coração do inferno eu te golpeio; pelo amor do ódio eu te cuspo meu último alento.

Questões para reflexão e discussão

1. Você pode explicar, usando conceitos deste capítulo, por que Israel se desviou com tanta facilidade do verdadeiro culto a Deus para se curvar perante os ídolos, chegando a sacrificar seus filhos a Moloque? Isso também ajuda a explicar por que as modernas falsas religiões e cultos parecem sempre prosperar e crescer mais facilmente que a verdadeira religião?

2. O que você acha de alguém que diz que não sente esse ódio fervilhando em algum lugar dentro dele?

3. Como este capítulo faz você se sentir quanto à sua carne?

4. Cite algumas maneiras pelas quais você tentou fazer as pazes com a sua carne, ou a apaziguá-

la. Descreva os resultados. O que acontece quando uma pessoa tenta dar alívio à carne gratificando-a (por exemplo, tentando fazer a luxúria desaparecer cedendo a desejos sexuais ilícitos)?

5. Passe algum tempo pensando sobre como você será quando a sua carne estiver finalmente desintegrada. Como você ficará mais livre para amar a Deus? Tente imaginar o seu amor especificamente como *seu* amor finalmente liberado, mais que o amor genérico.

parte dois

O poder do pecado em como ele age

Confie em mim

–Herman Melville

The Confidence Man

5 *Os truques do negócio*

enganar: *(do latim* ingannare*). Induzir em erro, iludir, burlar, lograr, disfarçar, esconder, seduzir, desonrar, trair.*

Novo Dicionário Aurélio

O espetáculo itinerante da salvação

Huck Finn encontra dois andarilhos, o auto-intitulado Duque de Bridgewater e o Delfim em pessoa, "Luiz 17, filho de Luiz 16 e Maria Antonieta". Numa das suas vigarices, o "Delfim" leva Huck a uma reunião no campo, onde eles vêem o pregador açoitar a multidão num frenesi pentecostal de *aleluias* e lágrimas no banco das lamentações. O próprio Delfim vai "à frente", gritando mais alto que a multidão de mil pessoas. O pregador o chama para a plataforma para que ele conte a sua história. Huck relata para nós:

> Ele contou-lhes que era um pirata - tinha sido pirata por trinta anos, ao largo do Oceano Índico, e sua tripulação tinha sido consideravelmente diminuída, na última primavera, num combate, e ele agora estava em casa, para arregimentar alguns

> recrutas, e graças a Deus ele tinha sido roubado na noite passada e desembarcado à força de um barco a vapor sem um centavo, e ele estava alegre por isso, essa foi a coisa mais abençoada que já lhe havia acontecido, porque agora ele era um homem mudado, e estava feliz pela primeira vez em sua vida; e mesmo pobre como estava, ele ia partir imediatamente e pegar o seu caminho de volta até o Oceano Índico e passar o resto da sua vida tentando levar os piratas para o caminho da verdade; pois ele podia fazer isso melhor do que qualquer outra pessoa, sendo conhecido de todas as tripulações de piratas naquele oceano; e ainda que levasse muito tempo para chegar lá, sem dinheiro, ele chegaria de qualquer maneira, e cada vez que ele convertesse um pirata ele lhe diria: "Não agradeça a mim, não me credite isso, tudo isso pertence àquelas pessoas do campo de reunião em Pokeville, irmãos naturais e benfeitores da raça - e o querido pregador de lá, o amigo mais fidedigno que um pirata já teve!"[1]

Quando o pirata-Delfim se desmancha em lágrimas, a multidão pede que seja feita uma coleta. Eles até pediram a ele que passasse seu próprio chapéu. Ele humildemente se obriga, com muitas palavras soluçadas de pedido de bênçãos para as pessoas gentis de Pokeville. Eles o convidam para ficar por uma semana, mas o pirata de coração bondoso respeitosamente declina da hospitalidade deles. "Ele estava ansioso para chegar o quanto antes ao Oceano Índico e trabalhar junto aos piratas."[2]

Esta é a arte da tapeação: *Fazer alguém acreditar que as coisas são diferentes do que realmente são, de modo que ele*

fará alguma coisa que de outra maneira jamais faria. Essa é a maneira pela qual a carne transforma você num servo voluntário do pecado.

No começo foi o engano

Enquanto Eva podia ver as coisas com clareza, ela estava bem. Mas quando a serpente a enganou, ela comeu (Gn 3.13). Quando Adão a seguiu, o pecado entrou no mundo. A astúcia sempre tem sido e sempre será o *modus operandi* de Satanás. Ninguém o seguiria se não tivesse sido enganado (Ap 12.9; 20.10).

A maçã não caiu longe da árvore. A lei do pecado em nós, uma vez que emana de seu pai, o Diabo, age da mesma maneira: "pelo contrário exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo *engano* do pecado" (Hb 3.13). Paulo diz que antes que Cristo nos libertasse, "éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres" (Tt 3.3). Ele nos diz para que nos despojemos do velho homem (a carne, a lei do pecado em nós), porque "se corrompe segundo as concupiscências do engano" (Ef 4.22). E toda vez que Deus nos adverte contra o pecado, ele nos acautela a vigiarmos contra a sua astúcia.[3] Na verdade, você pode escrever isso como uma máxima: Quando a carne o engana, você *irá* pecar.

A carne explode a sua mente

Se você quiser tomar uma fortaleza, comece pondo a sentinela fora de combate - se ela não puder avisar os outros, você facilmente fará uma brecha na parede e

levará a melhor. A carne trabalha o engano, com habilidade, para pôr fora de combate a sentinela da sua alma: sua *mente*.

Cada uma das faculdades da sua alma tem deveres diante de Deus. A *mente* é a sentinela, com ordens de guardar cuidadosamente a alma questionando, avaliando e fazendo julgamentos: "Isso agradará a Deus?" "Isso está de acordo com a Palavra de Deus?" Se a mente determina que uma ação é correta, as *afeições* deveriam então concordar com ela, desejá-la, ansiar por ela e agarrar-se àquilo que a mente disse que é bom. Por último, a *vontade* põe a alma em ação para que ela realize o que a mente disse que era bom, e que as afeições desejavam ardentemente. Quando cada uma faz seu trabalho, você obedece a Deus de coração.[4]

Você pode ver o que um engano confuso faz da obediência. Se a sua mente for persuadida a acreditar que um pecado é bom para a sua alma, e suas afeições aumentam o apetite por ele, sua vontade dá o consentimento - as pedras de dominó caem e a carne produz o seu fruto pútrido na sua vida.[5]

O mestre do disfarce

O engano é um fato da vida. Nós balançamos a cabeça quando ficamos sabendo que alguém roubou as economias que um idoso guardou durante toda sua vida, dizendo a ele que investisse numa propriedade no meio de algum pântano, ou martelando dois mil pregos num painel no sótão e cobrando R$3,00 por cada prego para consertar o telhado. Às vezes, nós aplaudimos a fraude, como quando os encantadores patifes Johnny Hooker (Robert Redford) e Henry Gondorff (Paul Newman)

enganam o repulsivo Doyle Lonnegan (Robert Shaw) em *O Golpe de Mestre*. Mas a fraude não está apenas girando à nossa volta; ela é um fato da vida dentro de nós, agindo do mesmo modo que qualquer golpista na rua mais movimentada da cidade rouba um cego: omitindo, escondendo e disfarçando a verdade.

O enganador disfarça o que é indesejável e prejudicial (o anzol com isca artificial, por exemplo) sob aquilo que ele pensa que nós queremos (um inseto colorido, se você fosse um peixe). Ele esconde da nossa mente as conseqüências que nós deveríamos levar em conta (se você morder o anzol, você será fisgado, limpo e cozido ou assado), de modo que façamos um falso julgamento. Ele é sutil, fascinante, paciente quando é preciso, persistente quando tem de ser, e conhece as nossas fraquezas. Ele tem em mente uma meta e é inescrupuloso em perseguila.

A anatomia da sedução de pecado

Para entender como a carne nos faz de tolos, vamos considerar o que diz Tiago 1. 14,15 à luz dos princípios do engano:

> Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando essa o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

Tiago está escrevendo para as pessoas que tentam desculpar seus pecados de maneira muito semelhante à que Adão e Eva fizeram no Éden, jogando a culpa sobre Deus. Mas Tiago diz que toda a culpa do pecado recai

sobre o pecador, na medida em que ele é tapeado pelos desejos da sua própria carne. Ele nos ajuda a desmascarar o enganador que há dentro de nós expondo aquilo que a carne deseja, e como ele age para conseguir isso de nós.

Primeiro, o alvo para qual a carne aponta é a *morte* (v. 15). Qualquer coisa em que o pecado nos faça acreditar, vai terminar em morte.[6] A carne quer que nós acreditemos que as conseqüências de flertar com o pecado serão de pouca conseqüência (não tantas bênçãos de Deus, um assento menos importante no céu). Saber disso é o nosso primeiro meio de nos armarmos contra o engano (como saber que o vendedor de carros usados fará qualquer coisa para lhe vender um carro o ajuda a evitar voltar para casa dirindo uma coisa sem valor enquanto ele ri de você pelas suas costas).[7]

Segundo, a maneira pela qual a carne trabalha para a sua morte é pela *tentação* (v. 14). A essência da tentação é o engano - ser tentado e ser enganado é a mesma coisa. E Tiago faz uma lista do que nós podemos chamar de os cinco degraus da tentação:

(1) arrastando para longe (a *mente*)
(2) atraindo (as *afeições*)
(3) concebendo o pecado (na *vontade*)
(4) o nascimento do pecado (em ações, palavras, pensamentos e assim por diante)
(5) morte pelo pecado (estar escravizado ao pecado e morte espiritual)

O primeiro degrau diz respeito à mente - ela é arrastada dos seus deveres pelo engano do pecado. O segundo tem por alvo as afeições - elas são atraídas e

então confundidas. O terceiro supera a vontade – o consentimento da vontade é a concepção do verdadeiro pecado. O quarto degrau desintegra o seu modo de viver na medida em que o pecado nasce dentro dele. O quinto é o alvo da carne, uma vida sem o sentimento do pecado, que leva à morte eterna.

Esse quinto degrau, pela graça de Deus, nunca é alcançado pelos verdadeiros crentes. Deus, com freqüência, aborta o pecado concebido[8] na vida do crente (o quarto grau), livrando-nos de muitas cargas. Mas um meio que ele usa para evitar a nossa queda no pecado é nos avisar dos três primeiros degraus. Assim nós os exporemos meticulosamente à luz. Nos capítulos 6 e 7 vamos expor os jogos mentais da carne. No capítulo 8 veremos como ela confunde as afeições. No capítulo 9 vamos considerar o verdadeiro consentimento ao pecado e como a carne persuade a vontade para que ela o aceite.

Nossa esperança é ver o enganador, dentro de nós, exposto e tendo o mesmo fim que o Duque e o Delfim em *Huckleberry Finn*: cobertos de piche e penas e escorraçados da cidade debaixo de vitupérios.

Questões para reflexão e discussão

1. Pense no melhor truque de mágica que você já viu. O que foi que fez com que ele o impressionasse?

2. Você já foi realmente dominado por um vendedor? Como ele o fisgou? Que estratégia ele usou, e por que deu resultado? A sua carne já trabalhou sobre você da mesma maneira para levá-lo a pecar? Conte o que aconteceu.

3. Vimos que o engano da serpente no Jardim do Éden se tornou o mesmo padrão usado pela carne na nossa vida. Examine cuidadosamente a história da Queda, em Gênesis 3.1-6. Como foi que a Serpente persuadiu Eva a comer do fruto proibido? Descreva a estratégia em detalhes: O que ela escondeu ou disfarçou? O que ela acentuou, e como tornou o pecado atrativo?

4. Sem olhar à frente para os dois próximos capítulos, faça uma lista do que você acha que sejam alguns deveres da mente para obedecer a Deus. (Lembre-se da imagem da mente como sentinela da alma). Para cada um que você achar, descreva como você pensa que a carne arrasta a sua mente para longe desses deveres.

6 *Sentindo fortes emoções*

É assombroso, quando se faz um cálculo,
quão pouco a mente é realmente empregada
no desempenho de qualquer profissão.

Samuel Johnson

Jantar com a esposa do chefe

Nos últimos sete anos você tem sido o campeão de vendas na Southwest Internacional Napkin Supply [nome forjado pelo autor para formar a sigla SINS – *pecados*, em inglês (N.R.)]. Seu chefe lhe ofereceu sociedade na SINS, e o convidou para ir jantar na casa dele para discutir os detalhes da sua promoção. Enquanto você dirige pela rua de pedras arredondadas e passa pelos portões da frente, sua cabeça está girando com planos para a imponente mansão que logo você poderá construir para si mesmo. Você está vivendo o seu sonho.

A empregada o recebe na porta, e o encaminha para a sala de jantar. Ali a esposa do patrão, aparentemente vestida para uma noite em particular com o marido, o recebe com beijos mais quentes que o normal nos dois lados do rosto e dispensa a empregada. Ela passa o braço direito no seu braço esquerdo e o leva em direção da mesa de jantar, que você percebe estar posta para dois apenas No fundo há o som do *Bolero* de Ravel e duas velas compridas queimam em castiçais de prata.

"Onde está o Daniel?", você pergunta, sem entender.

"Ah! Você não recebeu o recado?", ela pergunta, como se realmente tivesse mandado avisar. "Ele precisou viajar para Buenos Aires para se encontrar com o fornecedor que está ameaçando aumentar os preços. Seremos apenas nós dois a noite *toda*. Eu estou realmente ansiosa para estudar a nossa nova sociedade na SINS."

Gotas de suor começam a brotar da sua testa. Sua mente se põe rapidamente a avaliar a situação: Você sempre achou que Carolina fosse uma mulher bonita, e com essa roupa, e nesse cenário, ela está realmente impressionante. Todos os empregados saíram – a mansão está deserta, a não ser por vocês dois. Daniel não estará de volta até a próxima semana, e sua mulher está visitando a mãe dela na cidade de Lincoln. Pela maneira como Carolina está se encostando em você, o nariz dela quase tocando seu colarinho de modo que você chega a sentir o seu hálito quente, você sabe exatamente o que ela espera de você. Se você der o que ela quer, ela provavelmente irá apressar a sua ascensão na escada da organização, exatamente como você sempre desejou. Mas se você for embora – se você ofender essa Imperatriz – pode dar adeus ao seu novo Jaguar.

O que vai acontecer?

A parede do castelo

Um homem na História passou por esse teste com grande sucesso: José. A resposta que ele deu à esposa do seu patrão nos ensina o duplo dever da mente que é a nossa primeira linha de defesa contra os enganos da carne:

> José era formoso de porte e de aparência. Aconteceu, depois destas coisas, que a mulher de seu senhor pôs os olhos em José e lhe disse: Deita-te comigo.

> Ele, porém, recusou e disse à mulher do seu senhor: Tem-me por mordomo o meu senhor e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus? Falando ela a José todos os dias, e não lhe dando ele ouvidos, para se deitar com ela e estar com elam (Gn 39. 6 -10).

A mente de José estava protegida por dois pensamentos: a mesquinhez do pecado ("Como pois eu cometeria tamanha *maldade*?") e a graça e bondade Deus . . . ("Como, pois, . . . pecaria *contra Deus*"? Como a sua mente estava preparada para a ação (1Pe 1.13–16), ele podia ver além do engano da carne e resistir à tentação – ainda que ela fosse aterradoramente poderosa e resistir custaria a ele mais do que a maioria dos homens poderia suportar. Ele arriscou a sua vida, mas não pecou.[1]

Lembre-se de que a mente é a sentinela da alma, encarregada de julgar e determinar o que é bom e agradável a Deus, de maneira que as afeições possam desejar ardentemente por ele e a vontade o possa escolher. Se a mente falhar na identificação de um pecado como sendo mal, depravado, vil e amargo, as afeições não estarão a salvo de aderir a ele e nem a vontade de dar o seu consentimento. Esse é um lado do muro do castelo, a primeira linha de defesa: Ter em mente que com cada pecado estamos abandonando Deus (Jr 2.19), para nunca esquecer o poder poluente, corrupto e contaminador do pecado – ser sacudido até o âmago pelo ódio que Deus tem ao pecado.[2]

Quando Paulo disse que o amor de Cristo o compelia (2Co 5.14), ele descreveu o outro lado dessa primeira defesa: A mente precisa se fixar em Deus, especialmente na sua graça e bondade para conosco. O seu amor nos impulsiona, nos estimula e nos leva

a obedecer. Ele é a fonte da nossa obediência, e o nosso mais alto motivo para descobrir o que agrada ao Senhor[3] e fazer isso.

Para andar diante de Deus, este é o primeiro dever da mente: Conhecer e agarrar-se ao mal do pecado e ao amor de Deus. Foi assim que José suportou a esmagadora tentação.

A brecha no muro

A essa altura você deve ter adivinhado que a lei do pecado em nós, pelo ódio que ele tem a Deus, e enganosa como ela é, não ergue os braços em rendição diante da primeira linha de defesa. A carne tem os seus explosivos prontos para minar o muro. Seu primeiro e mais baixo ataque é insultar a graça de Deus para que o pecado pareça menos pecaminoso, menos perigoso e menos ameaçador.

Você tem que entender isto: A carne enfraquece a convicção contra o pecado separando o *remédio* da graça dos *desígnios* da graça. As Escrituras não ensinam nada mais claramente do que o desígnio de Deus em mostrar misericórdia é nos tornar pessoas santas: "Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.11,12). Mas Deus fornece também um remédio para os nossos lapsos: Seu ardoroso perdão nos dá paz, e assim sabemos que se nós pecarmos, "temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo" (1Jo 2.1).

A carne labuta para fazê-lo esquecer o desígnio (que você é salvo para ser santo) e pensar somente no remédio (se você pecar será perdoado). Ela prega meio evangelho (um evangelho distorcido) para nós: *Vá em frente e satisfaça os seus desejos – eles já estão pagos.* Aqueles que caem presa de tal engano evidentemente são muitos, uma vez que as Escrituras o condena de modo tão veemente (Rm 3.5-8; 6.1-4; Jd 4).

Você sabe que a carne fez uma brecha nas suas defesas quando o seu coração esta endurecido pelo engano dela (Hb 3.13) de maneira que você está descuidado quanto ao pecado. Você vai olhar para a sua vida e pensar sobre quão freqüentemente você precisa do perdão de Deus, e então ver isso como uma coisa comum, nada com que se preocupar ou se esforçar para modificar. Você vai saber que está endurecido quando começar a dilatar as fronteiras da liberdade cristã para incluir tolerâncias que no passado o teriam chocado. Sua carne vai assoprar ao seu ouvido que severidade e cuidado ansioso quanto à obediência são *legalismo* – o evangelho veio para livrá-lo de coisas como essas! E além disso, se você realmente cometer um pecado, você pode ser perdoado depois.

Além disso, ao depreciar o pecado, a carne usa de artifícios enganosos para tirar todo pensamento de Deus da nossa mente e enchê-la de pensamentos mundanos. A carne sabe que uma mente não pode estar fixa em Deus e nas coisas terrenas (Cl 3.2; 1Jo 2.15). A principa estratégia da carne é introduzir coisas mundanas na mente à guisa de *necessidade*.

Veja a história do banquete nupcial em Mateus 22. Quando a festa estava pronta o rei manda seus servos buscar os convidados. Mas cada um tinha uma desculpa: alguma coisa mais urgente: "Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio" (v. 5). Trabalhar no seu campo pode ser agradável a Deus – ele quer que nós trabalhemos duramente. Você pode gerenciar um negócio para a glória de Deus e até usá-lo para expandir o seu reino. Mas a carne está fazendo alguma coisa sutil aqui – tirando o que pode ser bom e agradável a Deus e usando isso para expulsar nossos pensamentos de Deus.

Não é difícil imaginar um homem iniciando o seu negócio com o seu coração resolvido a honrar a Deus de todas maneiras, e depois sendo levado a extraviar-se. Ele dá um décimo ou mais dos seus lucros para o reino, e Deus abençoa o seu trabalho.

Então ele trabalha mais, obtém mais lucros, dá mais a Deus. Isso parece e é sentido como benção de Deus, ainda que seu trabalho duro e as exigências do seu sucesso comecem a tomar o tempo que ele dedicava à Palavra e à oração pessoal. Agora ele se ocupa mais do seu controle de qualidade do que sobre o controle de Deus sobre a sua vida. O túnel foi cavado sob o muro, e este desaba, expondo o seu coração ao mais profundo engano da carne.

A sentinela estrábica

Sua mente só pode proteger contra o engano da carne se você for estrábico. Isto é, você só pode guardar a podridão do pecado e a bondade de Deus em mente se você fixar os seus olhos na *cruz*. O que, mais do que a cruz, mostra o ódio de Deus pelo pecado? O que, mais do que a cruz, mostra mais o amor de Deus por você? Se você quiser saber exatamente o que o pecado merece, você tem de entender a cruz. Se você quiser saber o quão profundamente a podridão do pecado chega, você tem de pensar em todas as implicações da cruz. Se você quiser saber até onde Deus estava disposto a ir para resgatá-lo do pecado, você tem de ver o precioso Filho dele pendurado na cruz por *você*.

Então, ainda que isso custe a você o seu emprego e os seus sonhos, você pode dizer a Carolina para pegar o seu castiçal para dois e jogá-lo no rio – ou melhor, guardá-lo para o seu marido.

Questões para reflexão e discussão

1. Examine a história de José e a mulher de Potifar em Gênesis 39. Faça uma lista das recompensas que o pecado ofereceu a José. Agora faça uma lista das punições do pecado que ele teve de levar em conta. Você alguma vez já foi confrontado por uma tentação que tivesse tanto em seu favor? Descreva a situação.

2. Há alguma coisa em que você possa pensar que torne o pecado realmente *revoltante* para você, de modo que sinta repulsa só de pensar nele? O que é?

3. Existe alguma coisa em que você possa pensar que faça o amor de Deus parecer mais real que o sorriso do seu melhor amigo? O que é?

4. Sugira maneiras pelas quais a carne o distrai de pensar sobre o pecado como revoltante e o amor de Deus como real.

5. Reserve algum tempo para examinar o seu coração para encontrar lugares onde você pode ter ouvido o meio evangelho da carne. Peça ao Espírito Santo para ajudá-lo (Sl 139.23,24). Pergunte a ele se agora você está tomando "liberdades cristãs" que condenaria no passado. Se a resposta for positiva, peça a Deus para lhe mostrar se essa é a verdadeira liberdade ou você deu ouvidos à carne.

6. Comece suas orações todas as manhãs desta semana fixando os seus olhos na cruz. A cada dia pense sobre um diferente aspecto da cruz que mostre a vergonha do pecado, e um diferente aspecto que lance luz sobre o amor de Deus. No final da semana, descreva quaisquer efeitos que isso teve nas suas orações ou na sua capacidade para resistir à tentação.

7 *Mente operosa*

John Henry era um nenezinho, ho-ho,
Sentado no colo da mamãe, ho, yeah,
Disse: "O Túnel da Curva Grande na estrada C & O
Vai causar a minha morte,
Senhor, Senhor, vai causar a minha morte".

O martelo de John Henry

John Henry era um homem. Ele cravou mais a furadeira a vapor através da montanha, cinqüenta por trinta metros. Ele fez tanta força que arrebentou o pobre coração,

E ele soltou o seu martelo e morreu,
Senhor, Senhor, ele soltou seu martelo e morreu.

Quando cantamos a lenda de John Henry para os nossos filhos, cantamos a canção de um herói. Cantamos uma tempestade de celebrações enquanto o suor voa como chuva do corpo de John Henry, e o vento do seu martelo triturador ruge pelo túnel. Exaltamos seu trabalho árduo, sua determinação, sua habilidade, seu coração. Ele nada reteve - ele deu a sua vida pelo trabalho.

John Henry tinha um martelo. John Henry tinha um braço forte. Será que a montanha teria dado passagem ao seu martelo sem o seu braço? Ou ao seu braço sem o martelo?

Nós estamos diante da carne como John Henry diante da montanha virgem. Nós temos um trabalho himalaico diante de nós, e a nossa vida está exatamente na fronteira.

> Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis. (Rm 8.13)

O trabalho é mortificar a carne. A força que nós temos é o Espírito em nós. E Deus nos deu ferramentas para finalizar o trabalho. No entanto, para deleite da carne, a maioria dos cristãos ignora o poder dessas ferramentas e o modo de usá-las. Alguns atacam a montanha com as mãos nuas e morrem em sua loucura. Outros se sentam à sombra da montanha polindo as suas ferramentas até que as pedras caiam sobre eles e os esmague. Crentes que pegam o martelo de Deus e destroem a carne são tão raros como John Henry.

O martelo de Deus

Dissemos no capítulo anterior que a carne age por meio do engano e que seu alvo primário é a mente do crente. Dissemos também que o crente, para se proteger contra o engano, tem de fixar na sua mente a pecaminosidade do pecado e a graça de Deus. As ferramentas que Deus lhe deu o capacitam a fazer isso - quando você golpeia com o martelo de Deus, a lei do pecado cala-se diante de você.

Por outro lado, precisamente pelo fato de essas ferramentas serem tão destrutivas, a carne se opõe a elas com toda a sua astúcia e força. Assim, nós temos de saber não apenas como usá-las, mas como nos proteger de ser enganados por elas ao usá-las.

Essas grandes ferramentas da mente são a *meditação* e a *oração particular.*

"Ei! Espere um minuto", você pode protestar. "Eu pensei que você tivesse dito que a maioria dos crentes é ignorante quanto a essas superferramentas. Mas eu leio minha Bíblia quase todo dia, e estou sempre orando pela segurança dos meus filhos e para que o meu vizinho seja cristão. Se *isso* é tudo que é preciso para vencer a carne, eu estou bem perto disso!"

É claro que ler a Bíblia e orar pelos outros são deveres espirituais, e quando feitos com fé e na dependência do Espírito, eles vão enfraquecer a carne. Mas a leitura da Bíblia não é meditação, e a intercessão, embora seja crucial, não é o tipo de oração a que me refiro.

A meditação e a oração de que estou falando são destinadas especificamente a destruir a carne. Nessa meditação e oração nós comparamos o nosso coração com as Escrituras, comparando a nossa vida ao que encontramos lá. Ponderamos a verdade como ela é em Jesus, para ver sua vida formada em nós. Mas nós nunca nos empenhamos na meditação e na oração dessa maneira antes de guardar três coisas na mente:

1. Meditar em Deus com Deus. Encha a sua mente de pensamentos sobre o caráter, a glória, a majestade, o amor, a beleza e a bondade de Deus - mas não de maneira abstrata e impessoal, como você pode contemplar a descrição da fotossíntese num livro didático. Fale *com* Deus à medida que você o contempla, humilhando a sua alma perante ele, adorando-o e admirando-o, deleitando-se nele e dando-lhe glória. Faça com que sua meditação seja como a do Salmista:

> Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome![1] (Sl 8.1)

2. *Medite sobre a Palavra na Palavra.* Estude a Palavra escrita para conhecer a Palavra viva. Nunca permita que a sua meta seja pesquisar as Escrituras para encontrar uma nova visão que estimule sua vontade de aprender ou para ter alguma coisa agradável para compartilhar com o seu pequeno grupo. E nunca estude ou ore sem a ajuda de Deus. Ele é o único que pode revelar a verdade, e somente ele pode iluminar a sua mente para conhecê-la.[2] Ele é o único que nos ensina a orar quando nós não sabemos o que dizer.[3] Peça que ele abra a mente e a vontade dele para você, para que você possa conhecê-lo e amá-lo mais. Ele se compraz em fazer isso.

3. *Medite sobre si mesmo na Palavra e com Deus.* O poder dessa meditação e dessa oração se encontra na sua habilidade de expor as obras secretas do pecado - que vantagens a carne tem conseguido sobre você; que tentações ela tem usado com sucesso, que danos ela já causou e que males ela ainda planeja. Essa oração e essa meditação pede ao Espírito que use a sua Palavra para iluminar as frestas e fendas da sua alma, para mostrar-lhe cada real necessidade e perigo nela.

Sem que essas condições estejam preenchidas, *oração não é oração.* Sem esses propósitos e anelos, suas orações e meditações não trarão qualquer glória a Deus, e não o santificarão nem o encherão de alegria.

Mas, satisfeitas essas condições, a oração e a meditação sondam as profundezas da sua alma, desenterra os esquemas e tramas da lei do pecado e os arrasta para a luz da presença de Deus. Em sua luz, toda imaginação

da carne é julgada, condenada, detestada e lamentada. "Então", Deus diz por intermédio de Isaías,

> e terás por contaminados a prata que recobre as imagens esculpidas e o ouro que reveste as tuas imagens de fundição; lançá-las-ás fora como coisa imunda e a cada uma dirás: Fora daqui! (Is 30.22)

A fera ferida

Suponha que o seu professor de biologia passe às suas mãos um carcaju e lhe peça para dissecá-lo - mas você não tem nenhum anestésico e nem como submeter e prender a fera. O que aconteceria se você falasse gentilmente com o carcaju: "Senhor Carcaju, agora se o senhor ficar quietinho, eu vou tentar terminar isso o mais depressa possível"? Tudo o que você veria seria apenas dentes e garras voando numa violenta resistência à sua experiência.

Sua carne não vai ficar parada para a meditação e a oração mais do que o carcaju se submeteria à sua cirurgia. A carne resiste até seu último alento a qualquer coisa que cheire a comunhão com Deus, porque ela se sente sufocar na presença dele. Se você se aproximar de Deus em meditação e oração, adorando a Deus, conseguindo conhecê-lo, e pedindo-lhe que sonde o seu coração, prepare-se para ver a carne arranhar e unhar como um carcaju ferido. Ela fará qualquer coisa para impedir você de meditar e orar. Aqui estão quatro garras que você pode esperar ver:

A primeira garra é dirigida às suas fraquezas. Quando estavam sob ataque e em grande perigo de tentação,

justamente quando eles deveriam estar orando, os discípulos de Jesus depressa caíram no sono. "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca", ele disse (Mt 26.41). A carne tira proveito das fraquezas da carne natural (o corpo). "Você não pode orar agora, você precisa descansar. Se você não dormir um pouco, não será de qualquer utilidade para Deus." Isso, com efeito, foi a maneira como Satanás atacou Jesus quando seu corpo estava enfraquecido por quarenta dias de jejum: "Você já jejuou o suficiente - você está sendo totalmente fanático. Transforme estas pedras em pão. Se você não comer, vai morrer, e então como é que você vai salvar o mundo!" (Mt 4.1-3).

Se você não fixar firmemente na sua mente que oração e meditação são indispensáveis, e procurar a graça de Deus a cada dia para resistir à preguiça do seu corpo, você vai apertar o botão *snooze* toda manhã em vez de se ajoelhar diante do trono. Se você cochilar, você perde.

A segunda garra é a tirania do urgente. "Se você levar muito a sério esse negócio de oração e meditação, você não será respeitado no trabalho como um trabalhador dedicado, e você não terá tempo suficiente para estar com outras pessoas." A lógica distorcida da carne é sutil - ou não funcionaria. Ela *soa* razoável. Ela sabe que Deus chamou você para trabalhar arduamente pela sua vocação, e para se dar às outras pessoas em amor. A carne, naturalmente, preferiria que você nada tivesse feito de nobre ou agradável a Deus; mas se ela puder usar o seu trabalho e sua vida social para minar a sua comunhão com Deus, ela o fará.

Mas pense deste modo: você acha provável que Deus o chamaria para fazer mais do que ele lhe dá tempo para

fazer? Ninguém que acredita que Deus é bom e sábio poderia responder de modo afirmativo. Então, quando parecer que você não tem tempo suficiente para fazer a sua obra, cuidar da sua família, amar os amigos e devotar-se à oração e à meditação, o problema não é a providência de Deus. O problema pode ser que você tenha se sobrecarregado de mais coisas do que Deus pretendia.

Qualquer que seja o problema, a carne aproveita a oportunidade: quando não há tempo para tudo, alguma coisa tem de ser posta de lado. A carne argumenta que você não pode pôr de lado o seu trabalho, porque você tem responsabilidade para com o seu empregador (e se você não der o melhor de si não receberá um aumento); você não pode tirar nenhum tempo da sua família - Deus nunca iria querer isso; e, é claro que você não deve negligenciar seus amigos, especialmente se eles são descrentes, porque você pode ofendê-los e desviá-los do evangelho. Então, de que você vai abrir mão? Exatamente das coisas que farão o maior estrago na carne.[4]

A terceira garra é negociar o dever. O desespero da carne irá argumentar que se você orar com a sua família, ou se você for a um culto público, isso é suficiente para sustentar qualquer um: você pode sobreviver sem a oração e a meditação particular que sonda a alma. Se aceitar esse argumento, você esmorece.

A quarta garra é a grande promessa. "Você pode orar e meditar na próxima semana, depois de terminar o tratamento que está pela metade (ou o relatório anual no trabalho, ou refazer seu jardim). Então você será mais diligente e fiel, uma vez que tenha superado esse

obstáculo." Certo. Esse é o permanente refrão do perdedor contumaz: "No próximo ano nós os pegamos!"

As sementes do pecado

Quando a sentinela falha, não apenas ela perde, mas toda a cidade é arrasada. Quando a mente entrega sua guarda sobre a alma ao negligenciar os seus deveres, as afeições e a vontade com certeza a seguirão. Você acha que o tipo de meditação e de oração aqui descrito é difícil de ser feito diariamente? Lembre-se de que "Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2Tm 1.7). Coloque na frente da sua mente as recompensas que Deus promete: "Meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1Co 15.58). E nunca se esqueça da advertência quanto a baixar a guarda : "prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza" (2Pe 3.17).

Deus lhe deu um martelo que destrói a carne.

Questões para reflexão e discussão

1. Considere diversos tipos de meditação sobre Deus com Deus, como Êxodo 15.1-8 e Salmos 8, 135, 138, 145-50. Você pode também rever alguns hinos ou poemas que tratem da beleza de Deus e da adoração a ele. Depois, escreva uma oração usando suas próprias palavras (pelo menos um parágrafo) em que não faça nenhum pedido, mas que apenas louve a Deus e se deleite nele.

2. O estudo bíblico pode facilmente se tornar impessoal. Passe algum tempo lendo e orando por meio do Salmo 119, procurando o coração do verdadeiro estudioso da Palavra. Por que ele ama a lei de Deus (Palavra)? Por que ele deseja isso? Como você pode desenvolver a mesma atitude no seu estudo Bíblico?

3. Pense sobre a primeira tentação de Cristo no deserto - transformar pedras em pão (Mt 4). O pecado propôs que ele pusesse de lado seus deveres espirituais (o Espírito o havia levado para o deserto para jejuar e orar) e dar preferência às suas necessidades físicas. De que maneiras você se acha tentado a colocar o carnal acima do espiritual? O que torna essa tentação tão poderosa?

4. Medite sobre você mesmo com Deus em sua Palavra. Você ora fervorosamente e medita sobre Deus em sua palavra? Você pesquisa nas Escrituras para conhecer a Cristo? Tem acontecido queda espiritual? A sua mente, de um ou de outro modo, tem negligenciado esse dever?

Apêndice

Amando a Deus com toda a sua mente

Agora, aqui, veja bem, é preciso correr
o quanto você puder,
para ficar no mesmo lugar. Se quiser
chegar a algum lugar,
terá de correr pelo menos duas vezes mais rápido!

Lewis Carrol
Through the Looking–Glass

No capítulo 5 eu introduzi a idéia do engano da carne e disse que seguiríamos os passos de Tiago 1.14, 15.

(1) o afastar a mente dos seus deveres,

(2) o emaranhado das afeições,

(3) a captura da vontade para consentir em pecar.

Até aqui nós já falamos em dois capítulos sobre a mente, e agora eu o levarei a uma excursão mais profunda sobre os deveres da mente. No entanto, haverá somente um capítulo sobre as afeições e outro sobre a vontade. Por quê?

1. Guardar a sua mente é essencial para a obediência. Veja Hebreus 2.1:

> Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.

O sentido da advertência é de que nós precisamos prestar a máxima atenção às coisas que ouvimos (nas Escrituras), porque se não o fizermos, vamos perder a vida, o poder, o sentido e a impressão delas na nossa mente. Não existe outro modo de conservarmos a impressão da Palavra na nossa mente a não ser por meio do cuidado *constante*.

2. ***A mente inclui a consciência.*** Se a consciência não for espicaçada e provocada à vista do pecado, ela não poderá nos ajudar - e se a mente estiver entorpecida e seduzida, a consciência será apática, ou até subornada ou corrompida. Em Hebreus 5.14 o intenso estudo das coisas de Cristo levam a uma consciência robusta e obediente :

> Mas o alimento sólido [a carne das Escrituras] é para os adultos, para aqueles que *pela prática* têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.

Pensando seriamente sobre a obediência

Para agradar a Deus com a obediência, não é suficiente fazer apenas *o que* ele diz. A *maneira* pela qual nós fazemos tem de se enquadrar aos preceitos de Deus. O grande dever da mente é atender à *regra* dos deveres.

Seu crescimento na obediência é uma casa que você constrói. Você não pode construir uma casa na qual você gostaria de morar nela simplesmente amontoando tijolos

e madeira desordenadamente. Você tem que cortar, preparar e adequar tudo de acordo com uma planta. Da mesma maneira, você não crescerá em obediência se meramente empilhar seus deveres um sobre o outro, e não de acordo com a regra de Deus.

> De que me serve a mim a multitude de vossos sacrifícios? - diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes... As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer (Is 1.11, 14).

As palavras nada significam a menos que estejam arranjadas de acordo com as regras da linguagem. Deveres amontoados nada significam para Deus a menos que eles sejam feitos de acordo com a regra dele. O trabalho da sua mente é conhecer essa regra e aplicá-la a tudo que você faz diante de Deus, para "então, ser muito cuidadoso em relação à maneira pela qual conduz a sua vida" (ou, na versão KJV, "andar de modo cauteloso", cf. Ef 5.15).

Deus quer que nós pensemos profundamente sobre aquilo que o agrada (v. 10). Esses são alguns dos deveres da mente para qualquer coisa que agrade a Deus:

1. Obedecer completamente. De acordo com a lei cerimonial do Antigo Testamento, nenhum animal poderia ser sacrificado a menos que estivesse completamente livre de mancha ou defeito. Do mesmo modo, os deveres devem ser completos em todas as suas

partes - nada deve estar faltando. Quando Saul poupou Agague ele não desempenhou o seu dever completamente (1Sm 15). A mente deve estudar para saber tudo o que agrada a Deus .

2.*Obedecer pela fé.* Cada dever deve ser feito em fé, na força que vem de Cristo. Sem ele não fazemos nada (Jo 15.5). Não é suficiente que você seja crente, ainda que isso seja o começo de toda boa obra (Ef 2.10) - você precisa também agir pela fé em cada dever. Toda a nossa obediência é "a obediência que vem da fé" (Rm 1.5). Por isso Cristo é chamado de "nossa vida" (Cl 3.4), significando que ele é a nossa vida espiritual: a fonte, o Autor e a causa dela. Nenhum ato espiritual - nenhum dever que seja aceitável a Deus - pode ser desempenhado a não ser pela real manifestação de Cristo, que é a nossa vida. "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20).

3. Obedecer de coração. No próximo capítulo veremos em detalhes que as afeições tanto nos levam para junto de Deus como nos enredam no pecado, mas agora nós estamos vendo como a mente tem que vigiar as afeições em cada dever para com Deus. Um dever oferecido a Deus como um ato da mente e da vontade sem as afeições é abominável a Deus. Um dever sem afeição espiritual é um sacrifício sem fervor - sem valor, inaceitável. "Deus ama ao que dá com alegria," e não meramente alguém que relutantemente coloca dinheiro na salva.

4. Obedecer à maneira de Deus. A sua mente tem de certificar-se de que você faz todas as coisas da maneira e

pelos meios que Deus ordenou. Ele nos ordenou, por exemplo, que o adoremos. Mas como? Somos livres para criar maneiras pelas quais adorá-lo? Não. Nós temos que adorá-lo em espírito e em *verdade* - de acordo com suas ordenanças para o culto, que nós encontramos na Palavra e não na nossa imaginação.

5. *Obedecer a Deus pelas metas de Deus.* Sua mente precisa investigar o propósito de cada dever, sendo sempre a principal meta a glória de Deus em Cristo. Se a sua mente dormir durante sua vigília aqui, a carne tentará introduzir furtivamente outras motivações para a sua obediência, tais como satisfazer a sua consciência ou ganhar o louvor do seu grupo. Se a carne for bem-sucedida, ela arruína a sua obediência. "Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31).

A contra-ofensiva da carne

No minuto em que você comprometer a sua mente para agradar ao Senhor, nós vamos encontrar a carne resistindo a cada pensamento. Aqui estão suas três principais maneiras de interromper pensamentos santos:

1. *Não ser específico.* A carne quer que a sua mente se satisfaça em pensar de modo genérico sobre o que agrada a Deus. Por exemplo, o pecado tenta persuadir a sua mente a contentar-se com um objetivo generalizado para fazer as coisas para a glória de Deus, sem jamais considerar maneiras particulares de glorificar a Deus no seu casamento ou no seu trabalho ou numa conversa.

Mas se você quer ir visitar o seu primo na cidade de Longview, você não pode simplesmente ir para o Estado do Texas de modo generalizado: Você tem que prestar atenção a cada curva - ou você pode vaguear e ir parar no Golfo do México. Nossas ações *particulares* expressam e exercitam nossa fé e obediência. E o que nós somos em fé e obediência é o que nós somos, e nada mais.

2. ***Contentar-se com o simples dever.*** Israel esperava que Deus estivesse satisfeito com eles porque tinham praticado o ritual do jejum.

> "Por que jejuamos nós,
> e tu não atentas para isso?
> Por que afligimos a nossa alma,
> e tu não o levas em conta?" (Is 58.3)

Eles tinham a noção de que se fizessem o que Deus havia dito (pelo menos no que se referia ao corpo) e o satisfizessem, então eles poderiam fazer qualquer coisa que eles *realmente* quisessem fazer.

> "Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho" (v. 3).

O engano da carne diz: "Você deve orar, então ore; você deve dar o dízimo, então dê; agora que você fez a sua obrigação, vá e faça o que você quiser".

1. Entrar numa rotina. O sucesso final da carne é fazer com que você obedeça de modo superficial. Sua mente é

completamente arrastada para longe dos seus deveres quando você vai ao culto Domingo após Domingo, faz as suas orações dia após dia, empilha dever sobre dever num grande monte - e ainda nunca oferecer um simples e aceitável ato de obediência a Deus, porque você está simplesmente fazendo gestos e movimentos. Esse tipo de vida "cristã" não é vivido para Deus, não importa o que você diga.

> Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel?
>
> Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos (Am 5. 25, 26).

Pensando seriamente sobre o pecado

Um dos meios que Deus nos deu para vencermos o poder e o engano da lei do pecado em nós é colocarmos nossa mente para trabalhar não apenas *por* obediência, mas *contra* o pecado. Essas são algumas maneiras nas quais você pode usar sua mente para enfraquecer a carne.

1. Pense sobre a soberania de Deus. Pense sobre o grande Legislador que proíbe o pecado. Isso ajudou a manter José fora da cama da esposa de Potifar (Gn 39.9). Leve sempre em consideração o seguinte: Existe somente um Legislador, santo e justo, armado de poder soberano e autoridade; ele tanto pode salvar como pode destruir. O pecado é rebelião - lançar fora o governo e a soberania do Legislador. Quando você estiver face a face com o desejo da carne, pense: *É Deus quem proíbe isso; o grande*

Legislador, que governa com soberania sobre mim, e de quem eu dependo para cada sopro de vida, e de quem eu posso esperar a minha sorte nesta vida e na vindoura.

2. ***Pense sobre o castigo do pecado.*** Mesmo quando Deus declara o seu gracioso nome para encorajar o pobre pecador em Cristo, ele acrescenta que "ainda que não inocenta o culpado" (Êx 34.7). Ele quer imprimir na mente de todos aqueles que ele perdoa um profundo senso de punição que cada pecado merece. Tenha em mente que "o nosso Deus é fogo consumidor" (Hb 12. 29). Esquecer ou ignorar isso é insultar a Deus (Rm 1.32). Jesus nos aconselhou a temer "aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10. 28).

> Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10.30, 31).

3. ***Pense sobre todo o amor e bondade de Deus, contra quem todo o pecado é cometido.*** Quando o amor de Deus toca a sua alma e transforma você, e você sabe que cada pecado é contra aquele que ama a sua alma, você não vai pecar.

> É assim que recompensas ao SENHOR,
> povo louco e ignorante?
> Não é ele teu pai, que te adquiriu,
> te fez e te estabeleceu? (Dt 32.6)

Paulo diz que "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como

do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1). Que tipo de promessas motiva essa pureza? Veja em 2 Coríntios 6.17,18:

> Por isso, retirai-vos do meio deles,
> separai-vos, diz o Senhor;
> não toqueis em coisas impuras;
> e eu vos receberei, serei vosso Pai,
> e vós sereis para mim filhos e filhas,
> diz o Senhor Todo-poderoso.

Quando você pensar no amor de Deus, pense sobre o amor *generalizado* de Deus por todos os crentes (1Jo 1.1-3). Considere o amor de Deus, os privilégios que ele nos concede, os frutos que ele nos dá - como ele é tão grande que o mundo não pode conhecê-lo - de fato, nós não podemos calcular nem medir totalmente a grandeza dele. Quando você saborear esse amor, você vai purificar-se, até o quanto ele é puro.

Mas não se contente com o amor generalizado de Deus. Continue até alcançar o amor *particular* de Deus *por você*. Pense na sua misericórdia para com os seus pecados particulares, as maneiras pelas quais ele o tem livrado das tentações, como ele lhe tem dado o necessário e protegido, tudo que ele tem ensinado. Não levar em conta o amor particular de Deus é provocá-lo.

> Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel, *que duas vezes lhe aparecera* (1Rs 11. 9).

4. Pense sobre o sangue e a mediação de Cristo.

> Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (2Co 5.14,15).

5. Pense na habitação do Espírito Santo - o maior privilégio do qual nós fomos feitos participantes neste mundo. Se você entender completamente o quanto o pecado entristece o Espírito, o quanto ele contamina o seu lugar de habitação, como você perde e é privado do seu conforto por causa dele - isso trabalha contra o desejo do pecado.

A contra-ofensiva da carne

Buscando a própria defesa, a lei do pecado usa seus enganos para arrastar a mente para longe desses poderosos pensamentos nos tornando *espiritualmente preguiçosos.*

O principal mandamento que o Senhor Jesus nos dá para evitar o pecado e a tentação é *vigiar* (Mc 13.37). "Vigiar" significa ser diligente para não sermos surpreendidos e confundidos pelas tentações (ver Dt 32.29; Hb 6.11,12; 2Pe 1.5-11). Você sabe que caiu na preguiça espiritual quando você não é movido pelas advertências contra o pecado, quando não pode ser motivado para os deveres espirituais e quando você é facilmente desencorajado e desiste à vista de dificuldades. Uma alma preguiçosa se dá conta de que nunca será perfeita, e então diz: "Por que me preocupar?" E se contenta com a apatia e morte espiritual.

Questões para reflexão e discussão

1. Qual é o lugar da mente na obediência a Deus? Por que ela é um alvo tão visado pelo engano da carne?

2. Qual é a sua reação à extensa lista de deveres neste apêndice - ela é agradável ou é uma carga para você? O que faria com que ela parecesse mais deleitosa?

3. O que significa obedecer *em fé*? Escolha um dever (como um culto público, o dízimo, ou mostrar piedade para com o pobre) e faça uma descrição de como desempenhar esse dever em fé. Qual é o papel que a mente desempenha?

4. Examine o seu coração, pedindo a ajuda do Espírito Santo (Sl 139. 23, 24). Pergunte a ele em particular quais são os seus motivos mais freqüentes para desempenhar seu dever espiritual. Dependendo do que você encontrar, dê graças ou se arrependa.

5. Reveja os tempos na sua vida em que você desejava com mais ardor as coisas de Deus, especialmente para "descobrir o que agrada ao Senhor" (ver Ef 5.10). O que o motivava nesse tempo? O que foi que fez com sua mente se voltasse para Deus? Foram sermões que você ouviu? Alguma coisa lida nas Escrituras?

Encorajamento de um conselheiro ou de um pequeno grupo? O que foi?

6. Cite um ou dois deveres da mente neste capítulo que você mais precisa aprender e entregar a sua mente. O que chama tanto a sua atenção neles?

8 Fisgado

E quando a assustada Truta eu espero
Pegar, e ela engole minha isca,
Que coisa desprezível, às vezes eu acho,
Cativará uma mente avarenta . . .

Izaak Walton

A carne vai pescar

Tiago deve ter sido, como a maioria de outros seguidores de seu irmão, um velho pescador. Quando ele escreveu que nós somos tentados ao sermos *"seduzidos"* (Tg 1.14), ele usou a linguagem dos pescadores. Na costa do Mar da Galiléia, a palavra traduzida por "seduzido" significava "capturado com uma isca". É uma imagem sugestiva do modo como a carne fisga as nossas afeições.

Mesmo que você não seja um pescador veterano, sabe que se jogar simplesmente um anzol limpo na água, não é provável que pegue alguma coisa. O anzol tem que estar coberto, disfarçado de modo que pareça atrativo para a espécie de peixe que você quer pegar. Ele tem que estar enfeitado com uma minhoca, um inseto, uma isca artificial giratória ou uma rolha. Ele tem que parecer desejável, atraente e *tentador*. A isca não apenas convida - ela *seduz*.

Tiago diz que a carne é uma "pescadora de homens". Ela nos engana e nos seduz com a tentação. Ele acena com os prazeres do pecado na nossa frente (Hb 11.25), enfeitando aqueles supostos deleites até que eles pareçam alguma coisa pela qual você venda a sua alma - até que você mal possa ver o anzol que elas escondem. As bolhas cintilantes do vinho prenunciam sabor, sofisticação, aceitação social, esquecimento dos nossos problemas - mas elas escondem uma amarga autodestruição (ver Pv 23.29-35). A prostituta promete prazeres secretos sem medo de ser descoberto - mas sua cama respingada de rosas é a sua sepultura coberta de lírios (Pv 7).[1]

O desígnio dessas armadilhas é prender a sua imaginação para confundir as afeições. A imaginação é o olho da mente. Com a imaginação nós pintamos e contemplamos imagens de como as coisas poderiam ser. Você pode imaginar-se fazendo coisas que (ainda) não são reais: recebendo um telefonema de Ed McMahon informando que o seu cheque de dez milhões de dólares já está no correio; pegando um passe no canto da zona morta no momento do tiro final para vencer o Grande Clássico; deixar um namorado na espera porque outro rapaz está chamando na outra linha. A carne quer fixar a nossa imaginação em alguma coisa que a levará a cair nas garras do pecado. Ela quer que você contemple e saboreie aquelas provocantes possibilidades até que não possa mais deixar de pensar sobre elas, até que você comece a pensar, tramar e planejar maneiras de fazer da fantasia uma realidade.

É por isso que Paulo nos adverte a nem mesmo "pensar sobre como gratificar os desejos da carne" (ver Rm 13.14). Os que têm "os olhos cheios de adultério" (2Pe 2.14) são como Santo Agostinho antes da sua conversão, incapaz

de suportar a idéia de uma noite sem uma amante.[2] Sua imaginação estava tão enredada no seu desejo que ele não podia parar de pecar (v. 14). Essas pessoas "no seu leito, imaginam a iniqüidade e maquinam o mal", o qual levam a efeito pela manhã" (Mq 2.1). Uma vez que as afeições estejam iludidas, a vontade logo irá pelo mesmo caminho, dando seu alegre consentimento.

Uma coisa surpreendente quanto a essa sedução, é que a carne nunca pode esconder completamente o anzol dos olhos do pecador. Nós sempre sabemos profundamente dentro de nós que o "salário do pecado é a morte" (Rm 6.23), mesmo quando mergulhamos no mal (Rm 1.32). Mas a carne obtém sucesso quando ela o faz esquecer ou ignorar ou descuidar do anzol cujo contorno pouco distinto pode ser visto por baixo das plumas ou do brilho da isca. A carne torna você descuidado quanto ao anzol ao prometer que você será perdoado depois. Ela arma ciladas com súbitas e dominadoras tentações de modo que você não tem tempo de pensar nas conseqüências. Ela apresenta circunstâncias atenuantes: "Este é o *verdadeiro* amor, e não alguma paixão louca - um Deus de amor nunca *condenaria* alguma coisa tão bela - e nós planejamos nos casar no tempo certo." Ou ela tenta você para pensar que suas generosas contribuições para a igreja no ano passado mais que contrabalançam esse pequeno descuido na sua devolução do Imposto de Renda.

Disfarçar o perigo do pecado com deliciosas decorações - é assim que a carne fisga as suas afeições.

Você sabe que foi fisgado quando. . .

O maior lugar-comum nos seminários de liderança da atualidade é *visão*. Líderes poderosos compelem seus seguidores com sua habilidade de pintar imagens vívidas

de um futuro desejável - um futuro que só pode se tornar real se você seguir os planos deles. Quando Bill Gates descreve um mundo com um computador em cada mesa, de modo que um agricultor da Tailândia possa estar ligado pela Internet ao seu banqueiro em Berna e com o restaurante do seu primo em Orange County, e você pode, sentado na sua cama, conectar-se ao seu escritório, terminar suas compras de Natal e fazer um depósito no banco com alguns toques no teclado do seu *laptop* - um grande número de pessoas acredita. Elas irão comprar o *software* do Bill e seguir seu programa se em retorno eles vierem a viver no planeta cheio de conveniências que ele promete.

O poder da visão vem da imaginação - o líder imaginando o paraíso, e então ajudando os outros a imaginarem com ele. Ele aguça o apetite das pessoas, e quando elas conseguem vê-la claramente, quando ela parece suficientemente boa, elas farão qualquer coisa para que a visão se torne realidade, porque suas afeições anseiam por ela.

A carne tem uma visão muito peculiar. Ela vê um mundo livre da tirania do governo de Deus. Ela imagina a liberdade de levar a efeito todos os seus planos sem a interferência da lei, preceito ou mandamento. E ela propõe aquela visão à sua imaginação, ajudando você a enxergar as suculentas possibilidades: Lembra como o seu gerente o despediu menos de duas semanas depois de ter feito com você aquela brilhante avaliação de desempenho? Imagine como seria gratificante fazer com que ele sofresse um pouco. Não acalmaria a sua raiva pegar a sua faca e cortar os pneus dele, para ele acordar e encontrar quatro pneus murchos na manhã que ele deveria estar numa reunião com o vice-presidente de pesquisa? Ou que tal

um bilhetinho para a esposa dele, contando a ela o que seu marido realmente faz nas viagens de negócios? Imagine o quanto seria bom ler depois nos jornais que ele entrou com o pedido de divórcio.

Quando sua imaginação não puder se desligar das imagens do pecado da carne, você está fisgado. Quando você não pode parar de pensar sobre como Beto, aquele novo rapaz do departamento de Propaganda respeita você muito mais do que o seu marido em sete anos de casamento, você está fisgada. Quando você fica até altas horas todas as noites tentando equilibrar seu orçamento, e sempre termina brincando com a idéia de cortar seu dízimo pela metade, você está fisgado. Quando a sua esposa esteve pedindo uma máquina de costura de mesa por dezoito anos, e você sempre protelou a compra porque não podia justificar a despesa extravagante, e no entanto, todas as tardes a caminho de casa você diminui a marcha quando passa pelo revendedor da Mazda e se imagina no Miata de corrida verde conversível britânico, adivinha o que é isso?[3]

Acã viu nos "despojos uma boa capa babilônica" (Js 7.21) e não pôde parar de pensar em como ele ficaria bem naquela capa, então ele a pegou. Isso é a "concupiscência dos olhos" (1Jo 2.16) - não apenas dos olhos físicos, mas os olhos da mente que se fixam em alguma coisa proibida até que suas emoções sejam consumidas pelo desejo por ela.

Lembre-se que a mente é o atalaia da alma. Seu dever é discernir que palavras, ações, desejos, pensamentos, crenças e emoções agradarão ao Senhor. As afeições, quando estão trabalhando como deveriam, anseiam por aquilo que a mente diz que é agradável a Deus, e então se agarram a isso e repelem o que provoca a ira dele.

Quando você hospeda "maus pensamentos" (Jr 4.14), a imaginação se torna um piromaníaco que despeja baldes de gasolina no fogo dos seus sentimentos. Eles vão ficando cada vez mais quentes, até que a vontade se derreta como manteiga diante deles.

Mas você protesta, "Eu posso *pensar* sobre essas coisas, mas nunca as *faria*". Você pode estar firmemente convencida de que seria a última pessoa no mundo a entregar seu corpo antes do casamento. Você sabe os Dez Mandamentos de cor, e sabe como a imoralidade abateu o homem mais forte do mundo, o mais sábio que já viveu, e o homem que amava a Deus mais do que alguém já amou.[4] Mas se você pensa que está certo *sonhar acordada* que vai convidar o seu namorado para passar a noite em sua casa enquanto seus pais estão fora da cidade, e imaginar como se sentiria adulta e como vocês poderiam estar realmente juntos, mesmo que não *façam* isso realmente, suas convicções sairão de férias com papai e mamãe.

Não se deixe apanhar

A maioria de nós não se abaixaria para pegar um centavo. Mas se você tiver oito notas novas de cem reais consigo pode até mudar a carteira para o bolso da frente, ou carregar sua bolsa com a mão protegendo a abertura. Nós guardamos mais junto de nós aquilo que consideramos como um tesouro.

Salomão, de sua dolorosa experiência declarou aos seus filhos:

> Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida (Pv 4.23).

O que é que você mais protege? Sua reputação? Seus investimentos? Sua família? De tudo o que você guarda, diz Salomão, não guarde nenhuma outra coisa com o cuidado e a força com que guarda as suas afeições. Uma vez que o seu coração se prende em alguma coisa, você não será capaz de impedir que a sua vontade consinta nisso.[5]

Para proteger as suas afeições, você precisa ter cuidado com duas coisas: o *objeto* dos seus desejos, e o *vigor* deles. E o objeto dos seus desejos, em que você fixa os olhos deveriam ser sempre coisas celestiais: "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2). Fixe as suas afeições na própria Pessoa de Deus, na sua beleza e glória. Fixe o seu coração no Senhor Jesus Cristo, o mais justo em dez milhares, o desejado das nações. Aprimore seu conhecimento acerca do mistério do evangelho e de toda a sabedoria e o amor de Deus demonstrados em Cristo, e todas as bênçãos que ele proporciona à sua alma. Se você vai deleitar-se em alguma coisa e entusiasmar-se por ela, faça como Paulo:

> Mas longe de mim esteja gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo (Gl 6.14).

Deixe que os sofrimentos do seu Salvador na cruz atuem em você. Imagine seus gritos e gemidos em seu favor, até o seu coração se partir. Pense sobre quanto amor ele demonstrou a você ao ser pendurado nu em seu lugar. E veja se as iscas e os engodos da carne não aumentam de maneira feia e repulsiva. Você vai passar as suas horas fantasiando sobre as coisas vis que pregaram o Amante da sua alma no madeiro maldito ou pensando sobre elas ou ansiando por elas?

Ponha o seu coração nas coisas celestiais, especialmente a cruz - e tenha o cuidado de não deixar os seus sentimentos esfriarem.[6] Existe uma gravidade moral que vai arrastar para baixo e enfraquecer seus sentimentos por Cristo a menos que você os desperte constantemente. Quantos cristãos não têm esquecido o seu primeiro amor porque eles deixaram que seu coração fosse se esfriando lentamente?

Encha as suas afeições com a cruz de Cristo, e não haverá lugar para o pecado. Então, quando a carne tentar pescar as suas afeições, você cuspirá nas suas belas iscas.

> E quando nenhum morde, eu louvo o sábio
> A quem vãs seduções nunca surpreendem.[7]

Questões para reflexão e discussão

1. Nós temos a tendência de pensar sobre as fantasias como sexuais, mas a imaginação pode ser cheia com toda a sorte do bem ou do mal, incluindo ambição, ódio, vingança e cobiça. Você sonha acordado? Por onde é mais provável que a sua mente perambule durante uma conferência maçante ou uma reunião de equipe que se prolonga noite adentro? Você tem uma fantasia que não sai da sua mente?

2. Suponha que você queira convencer seu filho de que imaginar o mal, mesmo que não se tenha intenção de praticá-lo, é perigoso. Como você apresentaria a lição? Que trecho das Escrituras você usaria? Como ajudaria seu filho a superar esse devaneio destrutivo?

3. Você costuma fantasiar seguidamente sobre a ressurreição? E sobre reinar com Cristo para sempre (Ap 22.5)? No culto você chega a se imaginar juntando a sua voz à dos santos nos céu (Hb 12.22,23)? Essas coisas encheriam o seu coração? Se não enchem, o que você pode fazer para torná-las seu devaneio?

4. Partindo da humanidade de Cristo, que papel você pensa que a imaginação dele desempenhava sua obediência a Deus (Ver Hb 12.2,3 para uma possível sugestão.)? Existe um papel paralelo que a sua imaginação pudesse desempenhar na sua obediência? Qual é ele?

5. O que há sobre o relacionamento entre a imaginação e as afeições que faz com que se torne tão importante guardar a imaginação?

9 *Concepção maculada*

Ainda por um pouco ela se debateu, e muito arrependida,
cochichando "eu nunca vou consentir!" – consentiu.

Lord Byron

Não é minha culpa

"Eu estava só seguindo ordens."

"Eu não sabia que a arma estava carregada."

"O demônio me levou a fazer isso."

Nós geralmente tentamos desculpar o nosso comportamento desagradável atribuindo o que fazemos ao comando de algo superior, declarando ignorância ou alegando uma coerção externa ou compulsão que nos tirou a liberdade. Embora a maioria das auto-absolvições seja duvidosa, elas repousam sobre um fato universalmente aceito: nós só podemos ser acusados (ou receber mérito) por algo que tenhamos feito voluntariamente, ou com consentimento. Qualquer coisa que você diga, faça, pense ou sinta só pode ser pecaminosa na medida em que você fale, faça, pense ou sinta voluntariamente.

O consentimento da vontade completa a sedução da alma pela carne. A mente é arrastada de seus deveres

como sentinela, as afeições são atraídas e confundidas, a vontade diz: "Eu quero" e o pecado é concebido.[1] A menos que Deus em sua providência aborte o pecado ainda embrião, ele vai nascer no mundo e produzir o seu fruto mortal.[2]

Dois tipos de consentimento

"Você quer pagar minha passagem para a Itália e me colocar num hotel de cinco estrelas em Florença, por um mês? É claro que eu vou!"

"Você quer que eu te acompanhe às brigas de galo às três da madrugada de sábado, e depois ir tomar o café da manhã no melhor bufê que existe? Francamente, eu nunca me diverti vendo aves se mutilarem umas às outras, mas já que você foi ver a ópera *Bodas de Fígaro* comigo na semana passada, então eu vou."

O consentimento da vontade é uma coisa enganosa. Algumas vezes nós consentimos com alguma coisa de modo livre, total e absoluto depois de cuidadosa deliberação. Algumas vezes nós consentimos relutantemente ao "menor dos males". Algumas vezes fazemos coisas que imediatamente lamentamos e não podemos explicar. O consentimento se torna francamente misterioso quando chega ao ponto em que você possa dizer como Paulo: "Pois não faço o que prefiro e sim o que detesto" (Rm 7.15). Nós temos que fazer uma distinção de modo a classificar isso.

Vamos distinguir duas espécies de consentimento ao pecado:

Os pecados da arbitrariedade. Em Efésios 4. 19, Paulo fala daqueles que "se entregaram à dissolução para, com

avidez, cometerem toda a sorte de impureza". Esse tipo de consentimento ao pecado é total, absoluto, completo e deliberado. Com esse consentimento a alma mergulha no pecado, como um navio a todo o pano e com o vento pela popa. Esse é o tipo de consentimento que os não-crentes dão ao pecado e sobre o qual não precisamos pensar.

Pecados forçados. Quando os crentes consentem em pecar, existe sempre uma secreta relutância. Em Gálatas 5.17 nós descobrimos que não somente a carne guerreia contra o Espírito, mas o Espírito dentro de nós guerreia contra a carne. O Espírito dentro de nós se entristece com o nosso pecado e não pode ter prazer nele. Visto que o crente é nascido do Espírito que odeia o pecado, ele nunca pode se dar ao pecado completa e absolutamente do modo como o não-crente pode. O consentimento do crente é como um navio navegando contra o vento - o vento pode ser forte ou suave, talvez até imperceptível, mas ele sempre está lá no coração renovado do crente, resistindo a consentir com o pecado.

Quando Pedro negou o Mestre, ele fez aquilo de que não era mais capaz de fazer.[3] Havia alguma coisa dentro dele que odiava o que ele estava fazendo. Quando ele ouviu o galo cantar, aquele algo explodiu em lágrimas. Sim, ele pecou voluntariamente; mas mesmo quando ele jurou "eu não o conheço!" e chamou sobre si maldições, ele amava Jesus e a sua fé nunca falhou completamente.

Essa relutância secreta no crente não é uma simples oposição generalizada ao pecado como uma coisa má. Em cada pensamento, palavra, ação e sentimento pecaminosos, a Graça de Deus luta contra o consentimento da vontade. Do mesmo modo que a carne resiste a cada

ato espiritual, o Espírito resiste a cada pecado. A sabedoria do crente é aprender a dar ouvidos à voz da resistência do Espírito, não importa quão fraca ela possa ecoar na consciência. A loucura do crente é ignorar essa voz repetidamente, até que ele se torne quase surdo a ela. Isso é lubrificar os caminhos para o pecado.

Consentimento passivo é consentimento real

Suponha que o meu amigo Samuel esteja se aprontando para passar alguns meses na República Centro-Africana. O dr. Rubens lhe diz que ele deve tomar uma série de vacinas, ou ele certamente contrairá a malária. Samuel olha para elas e descobre que as pílulas vão lhe custar duzentos reais, então ele se recusa obstinadamente. Quatro meses depois ele está no seu leito de morte, olhando para a expressão de eu-te-avisei no rosto do dr. Rubens.

Quem é responsável pela doença (e possível morte) de Samuel? Será o dr. Rubens, uma vez que ele não coagiu Samuel a tomar as pílulas? É falha do hospital por cobrar caro demais? Ou a culpa é do mosquito? É claro que não. Samuel foi advertido. Ele sabia o que tinha de fazer para evitar a malária. Mas ele escolheu, por causa do preço, não tomar as pílulas. Não existe ninguém a quem ele possa culpar, a não ser a ele mesmo.

Deus deixou claro para nós o que devemos fazer para derrotar o pecado:

> Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis (Rm 8.13).

O Grande Médico nos preveniu. Matar a carne sai caro (isso vai nos custar trabalho e tempo, ainda que ajudados pelo Espírito), mas a alternativa é a morte espiritual. Aqueles que se recusam a matar a carne estão querendo viver de acordo com a carne. Isso é consentir em pecar. Portanto, não é necessário planejar matar ou ter desejo ou roubar ou mentir para dar o seu consentimento ao pecado. Tudo o que você precisa fazer é negligenciar voluntariamente os meios que Deus deu para pôr um fim ao pecado.

Persuasão

Deus criou a vontade para que ela escolha somente aquilo que ela acredita ser bom ou agradável à alma - ou pelo menos melhor ou mais de acordo com a alma que outras opções.[4] É fácil entender porque alguém escolhe pudim de chocolate como sobremesa, em vez de pêssegos ao conhaque se ele tiver violentas reações alérgicas ao pêssego. É fácil também ver quando alguém que odeia brócolis o come assim mesmo porque sabe que é saudável. Mas e quanto à pessoa que escolhe livremente beber suco de uva misturado com arsênico, sabendo que isso vai matá-la?

Mesmo a pessoa que estoura os próprios miolos em desespero, escolheu aquilo que ela estava convencida de que era "bom" - "é melhor morrer e enfrentar o que está do outro lado do que continuar vivendo desta maneira". Esse princípio fundamental da verdade é a base de tudo que a carne faz para nos seduzir. Todos os enganos e tentações que estivemos discutindo têm um objetivo: convencer a mente de que esse ato pecaminoso é de algum modo "bom" para a alma de modo que as afeições anseiam por ele, e a vontade o escolhe.

Os meios pelos quais a carne faz isso são incontáveis. Aqui vão apenas alguns para nos guardarmos contra elas.

Distorção das Escrituras. 1 João 2.1 descreve tanto o desígnio do evangelho - que sejamos santos - como a libertação prometida se nós cairmos:

> Filhinhos meus, essas coisas [sobre o trabalho de Cristo, ver João 1.1,2] vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.

Se a carne puder persuadir você a considerar apenas a segunda sentença de 1 João 2.1, a tentação para pecar é quase uma coisa agradável. Se a sua mente vê o evangelho somente como uma fonte de perdão para o pecado, e não também como a fonte de livramento do poder do pecado, você será mais facilmente atraído pelos prazeres do pecado, convencido de que qualquer ameaça de perigo foi afastada em Cristo. A carne terá você cantando sua canção-tema do evangelho corrompido,

> Salvo pela graça -
> Ó abençoada condição!
> Posso pecar quanto quiser
> e ainda ter remissão!

O padrão de duas medidas. "Como pode alguma coisa que parece tão certa ser tão errada?" A carne raramente tentará convencer um crente de que o adultério de uma maneira geral é correto - isto é, que o sétimo mandamento de Deus era uma piada. Mas ela é sempre bem-sucedida

em fazer os crentes pensarem que essa situação em particular de dormir com a secretária é certa, talvez até bonita para Deus, porque se trata do "amor verdadeiro", e que, em primeiro lugar, você jamais deveria ter se casado com a sua mulher.[5]

A idéia é tornar o seu caso uma exceção - eu não tenho de informar esse dinheiro ao Imposto de Renda porque essa é uma organização maligna, ou porque são apenas umas centenas de reais (e o que é isso comparado com o que as empresas roubam do governo todos os dias?), ou então, para que eu tenha mais dinheiro para dar para a igreja. Na minha opinião, não há nada de errado em passar metade do meu tempo, no trabalho, jogando cartas pela Internet com pessoas em Londres e Tóquio porque eu ainda consigo fazer meu serviço dentro do prazo determinado.

Mantendo você nas trevas. O pecado ama a escuridão. Uma mente que ignora os Mandamentos de Deus ou que está absolutamente errada sobre o que Deus quer, irá cambalear e cair tão certamente como um homem que escala o Pico da Neblina numa noite sem luar.

Mesmo que a nossa mente tenha sido renovada em Cristo, algumas trevas permanecem (1Co 13.12), e a carne tira vantagem disso. Se negligenciarmos a Palavra de Cristo - a lâmpada para os nossos pés (Sl 119. 105) - nós vamos tatear e cambalear no escuro.

A carne consegue vitórias incontáveis mantendo as almas nas trevas sobre o que Deus requer delas no sábado, ou convencendo-as de que a lei foi eliminada em Cristo. Quantos pais, ignorantes quanto ao seu dever de disciplinar e educar seus filhos com envolvimento pessoal na vida deles

(Dt 6.4-9), deixam toda a instrução cristã deles para o professor da Escola Dominical ou para o líder do grupo de jovens, só para vê-los se desviarem da fé quando adultos?

"Provando sempre o que é agradável ao Senhor" (Ef 5.10).

Não se preocupe com isso. A carne sabe que os meios da graça arruinarão seu duro trabalho. Ela sabe que se você meditar e orar e buscar o que agrada a Deus, apelar para o Espírito, viver em fé e confiança em Deus, você enfraquecerá e finalmente esmagará o poder do pecado. Portanto, o trabalho da carne inclui persuadir você a ignorar a Palavra e o Espírito. Você deveria suspeitar quando ouvir uma voz cochichar no seu coração: *Esse pecado não é* tão *mal - você não precisa se preocupar tanto por causa dessa coisa sem importância. Outros cristãos, mesmo grandes santos na Bíblia, cometeram pecados bem mais graves que os seus, e Deus ainda os perdoou. Não se preocupe com isso – tudo vai terminar bem.*

Sem mais desculpas

Nós temos considerado o poder e o engano da lei do pecado que permanece mesmo nos crentes. Temos visto seu ódio mortal a Deus, e sua inescrupulosa astúcia para fazer você voltar-se contra o seu Senhor. Será que existe ainda um grama de indiferença em você? É possível você pensar que a carne seja alguma coisa que se possa ignorar, ou mesmo brincar com ela?

Questões para reflexão e discussão

1. Qual foi a desculpa mais bizarra que você já deu para justificar alguma coisa que tivesse feito de errado? Funcionou? O que o motivou a dar a desculpa, e o que fez você pensar que funcionaria?

2. O que você acha da seção sobre o "Consentimento Passivo? Você concorda que não levar em consideração os meios para matar o pecado é consentir em pecar? Quais são os meios para derrotar o pecado que você aprendeu (se é que aprendeu algum) neste livro? Como você os usará na luta contra o pecado?

3. Embora seja verdade que a nova vida do Espírito em nós resiste a cada obra da carne (Gl 5.17), algumas vezes nós não sentimos a luta. O que poderia tornar um crente desapercebido da guerra que está sendo travada na sua própria alma?

4. Escolha um pecado que, quando você está pensando de maneira clara, é obviamente horrível (algo como assassinato a sangue-frio, mentir sob juramento em audiências federais ou fraude em seguros). Descreva o processo que a carne poderia usar para fazer um pecado específico parecer justificável para a sua alma. Use o maior número de detalhes que puder.

5. Suponha que seu filho foi pego por alguma teologia malévola, sendo persuadido de que Jesus veio somente para perdoar seus pecados, e não para santificá-lo. Que textos bíblicos você usaria para convencê-lo do seu erro? Escreva uma carta ao seu filho(a) sobre isso (e guarde-a, para qualquer eventualidade).

6. Visto que a carne usa a nossa ignorância do que Deus requer de nós para nos manter no pecado, quais são as nossas responsabilidades quanto a aprender o que é da vontade e do agrado de Deus? Como isso afeta a maneira de você estudar as Escrituras?

parte três

O Poder do pecado no que ele faz

A segurança
é o principal inimigo dos mortais.

Shakespeare

MacBeth

10 *Deslizando sem controle*

. . . profundo como o amor,
Profundo como o primeiro amor, e selvagem com todo o lamento;
Ó morte em vida, os dias que não são mais.

Alfred, Lord Tennyson

Afinal de contas, o quanto a carne é inflexível?

Michael Jordan sabe jogar basquete. Suponha que nós queiramos saber o quanto ele é *realmente* bom. Como podemos testá-lo? Não provaria muita coisa ver se ele pudesse pegar Richard Simmons num confronto direto. Nós poderíamos vendar-lhe os olhos durante um *game*, ou colocar uns sete quilos de pesos nos pulsos e tornozelos, ou deixar os três melhores jogadores, de defesa, de basquete vigiando-o o tempo todo. E se nós fizéssemos todas as três coisas, e ele ainda fizesse seus dribles, explodisse correndo a quadra inteira para fazer as suas enterradas monstruosas e ainda marcasse da linha de três pontos? Ninguém tornaria a duvidar de que ele é o melhor que já houve.

Agora suponha que nós precisamos saber exatamente em que medida a carne é flexível. Como podemos fazer

um teste? Não adiantaria muito se fizéssemos o Marques de Sade cair no pecado. Mas nós poderíamos fazer um confronto dele com alguém que fosse alguém segundo o coração de Deus, alguém acima dos outros em santidade e zelo por Deus. Alguém como Davi. Mas vamos testar realmente a carne - não vamos fazer o teste com Davi quando ele era um jovem com um comportamento de alto risco, antes que ele tivesse muita experiência em andar com Deus, anos de prática da obediência, ou mesmo depois de muitas experiências com o poder e o engano do próprio pecado. E não vamos fazer o teste com Davi depois de algum grande desapontamento na vida, mas o Davi que seguia de perto a misericórdia de Deus, depois de ter visto Deus entregar todos os seus inimigos nas suas mãos. Se *esse* Davi vê uma mulher tomando banho num terraço das redondezas e mergulha em adultério, mentira e assassinato, nunca mais deveríamos duvidar do poder da carne.

Mas se você ainda duvida do poder da carne, vamos lhe dar um teste mais difícil: o povo de Deus sob a nova aliança. Como irá a carne ter sucesso contra pessoas que têm toda a revelação escrita de Deus nas Escrituras completas, e a plenitude da revelação de Deus em Cristo? Como irá a carne ficar quando ela for posta contra pessoas a quem foi dado o ministério da Palavra como um dom de Jesus (Ef 4.11), um ministério que é designado para levar aquelas pessoas à perfeição (vs.12-15) - um ministério que é sob medida para prepará-las contra a falsidade do pecado (v.13)? Vamos dar mais a essas pessoas: incontáveis exortações e advertências vindas de Deus (Hb 2.1), contínuo suprimento de graça fluindo da própria fonte de vida (Cl 3.3; Gl 2.20), vida pelo Espírito (Rm 8.11) e até vida abundante (Jo 10.10). Vamos fazer

delas filhos de um Pai generoso, e irmãs de um misericordioso Sumo Sacerdote que conhece as fraquezas delas e está sempre pronto para ajudá-las nas dificuldades (Hb 2.18).

Como é que a carne se comporta contra *esse* grande inimigo? Será que ela poderia, por exemplo, levar essas pessoas a se esquecerem do seu primeiro amor por Cristo?

Amor ardente

Você se lembra da sua lua-de-mel? Nem Arnold Schwartzenegger conseguiria separar vocês dois. Essa é a força do primeiro amor. Foi sobre isso que Salomão cantou: "o amor é forte como a morte . . . as suas brasas são brasas de fogo . . . as muitas águas não poderiam apagar o amor" (Ct 8.6,7). Esse é o amor que Jesus acalenta.[1] Ele odeia perdê-lo. Ele faz dele o modelo e a medida do nosso amor por ele, de modo que, quando nós o esquecemos, nós sentimos o calor da sua ira e das ameaças do ciúmes bafejando no nosso pescoço (Ap 2.4,5; 3.1-3). O que torna o primeiro amor tão especial para ele?

O primeiro amor é belo em humildade

Em Lucas 7 Jesus estava comendo na casa de um fariseu. Uma mulher de conduta reprovável seguiu-o até lá, invadiu a reunião, ungiu os pés dele com lágrimas e perfume, e os enxugou com os seus cabelos. Jesus trocou algumas palavras com o seu anfitrião sobre isso, porque o fariseu a desprezou. Jesus exaltou o primeiro amor dela por ele quando disse que ela amou muito por causa do muito que ela tinha sido perdoada.

Jesus não disse que essa adúltera era mais pecadora que o fariseu. Ao contrário, ele não disse mais palavras

pesadas de julgamento do que havia dito para os fariseus justos aos seus próprios olhos (em Mt 23, por exemplo). Ele deu a entender que o grande amor dela, derramado com lágrimas e ternura por ele, haviam fluído de uma clara visão do quanto ela havia errado contra Deus, e do quanto ele a tinha perdoado.

Ela olhou para a sua vida e nada viu senão vazio, engano e impureza. Quando Jesus chamou, ela foi, desconcertada pelo fato de ele a querer. Ela sabia que Deus era santo, que ele era fogo consumidor que não podia suportar olhar para o pecado. Ela sabia que ele era Todo-poderoso, que ele podia transformar pedras em verdadeiros adoradores, e que ele não precisava do louvor dos seus lábios impuros. No entanto, ela ouviu de Jesus que Deus era misericordioso, e que por causa de sua absoluta misericórdia, não porque ela fosse uma pessoa louvável ou santa, mas porque *ele* era o amor encarnado, ele se ofereceu para perdoá-la. Então ela se agarrou a ele, acreditou nele e encontrou indizível alegria.

O amor dela por ele foi aquecido ao rubro por esse sopro: um sentimento de quanto Deus a havia livremente perdoado em Cristo.

O apóstolo Paulo viveu uma vida tão consistente como um determinado seguidor de Jesus porque ele guardou esse sentimento durante toda a sua vida, de modo que a misericórdia de Cristo o compeliu e levou para a frente. No final da sua vida ele referiu a si mesmo como "O principal dos pecadores" (1 Tm 1.15 KJV), porque ele sabia o quanto Deus tinha feito por ele. Estimulado diariamente pelo novo gosto do seu próprio pecado e pelo perdão de Cristo, seu primeiro amor queimou e brilhou por muito tempo.

O primeiro amor é belo em ardente desejo

Em João 6 Jesus apresentou alguns ensinamentos árduos. Ele disse aos judeus que ele era o maná que tinha vindo dos céus; e disse que em ninguém mais havia vida senão nele. Mas eles tomaram isso como blasfêmia, e não o puderam suportar. Muitos que tinham sido seus seguidores o abandonaram.

Então Jesus se virou para os Doze, e perguntou se eles também queriam deixá-lo. Pedro respondeu por todos dizendo: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6.68). Outros se desviaram de Cristo para procurar vida abundante no mundo. Mas os Doze tinham experimentado Jesus, e porque eles tinham provado das coisas espirituais em Cristo, perderam todo o apetite pelas coisas do mundo. Eles sabiam que nada mais podia satisfazer as suas almas famintas. Eles sabiam que o amor do mundo e o amor de Deus são como o óleo e o vinagre - eles não se misturam (Mt 6. 24; 1Jo 2.15-17).

Um novo convertido tem um gosto fresco do maná caído do céu. Ele encontra os seus desejos reunidos em Cristo e satisfeitos por ele. Assim, quando ao novo crente são oferecidas coisas do mundo, ele empina o nariz, convencido de que Jesus, e apenas Jesus é o pão que o alimentará.

Sete baldes de água fria na chama do primeiro amor

Se as muitas águas não poderiam apagar as chamas do primeiro amor entre um homem e uma mulher, que poder pode esfriar a paixão do primeiro amor pela própria Pérola de Grande Preço? A carne certamente tenta dar início à sua guerra contra o Espírito. Ela odeia a Deus e quer que

nós nada tenhamos a ver com ele. Ela odeia especialmente que provemos da sua graça e misericórdia. Então ela despeja sete baldes de água fria em cima do nosso primeiro amor. E o seu sucesso contra o primeiro amor de tantos cristãos nos deixa extremamente surpresos.[2]

1. A carne sabe como devorar um elefante. A carne sabe que não teria sucesso contra nós se agisse de maneira violenta e tentasse destruir o nosso amor com um só golpe. Ela é sutil, trabalhando cuidadosa e deliberadamente para esfacelar o nosso amor. A carne come o amor da mesma maneira que você come um elefante - um bocado de cada vez.

O pecado que reside em nós tira vantagem da nossa preguiça e negligência naturais nas coisas do Espírito, tentando-nos a pôr de lado os deveres espirituais um a um. Ela não vai tentar tirar Deus da nossa mente de uma vez. Mas ela vai nos convencer a pensar nele cada vez menos, fazendo-nos pensar que podemos seguir com um pouco menos de oração, com momentos devocionais mais curtos - até que por fim nos convence de que podemos seguir adiante sem nenhuma conversa com Deus.

2. A carne nos veste com roupas de gala. Se nós insistirmos em adorar a Deus, a carne transformará nosso culto numa religião formal, de modo que não tenha poder. A carne nos deixará ir por aparências externas dos deveres espirituais, sem qualquer temor ou reverência por Deus - de modo que o nosso culto se torna malcheiroso para Deus. Hebreus 12.28,29 diz : "Sirvamos a Deus de modo *aceitável*, com *reverência* e *santo temor*, porque o nosso Deus é fogo consumidor". Deus não aceitará mera

adoração externa de nós. Quando fazemos acordo com ele, ele exige todo nosso coração, alma, mente e força – não apenas o nosso corpo, mas os nossos pensamentos, nossas esperanças e nossos sonhos, tudo de nós (Jo 4.23,24). Aproximar-se dele sem temor é aproximar-se dele sem pensar em quem ele é: o Deus do universo, que segura as nações nas suas mãos, que pode criar e destruir.[3]

3. A carne nos manda seguir os rastros de coelhos. Em 2 Coríntios 11. 2, 3 Paulo estava receoso de que os Coríntios tivessem sido enganados e perdido sua pura devoção a Cristo. A carne quer nos desviar da simplicidade do evangelho, para que Jesus não seja nosso em tudo e por tudo. Ela nos direciona para uma causa religiosa, política ou moral como um substitutivo para a paixão por ele. Ela nos engana para darmos a nossa vida à causa como o nosso fim principal.

Como o marido que pinta o seu corpo com as cores do seu time e grita até pôr os seus pulmões para fora e incomoda os amigos no estádio, e depois volta para casa e mal olha para a esposa, existem muitos ativistas apaixonados e destemidos que nunca levantam seus olhos acima da causa para contemplar o Cristo. Eles perderam o primeiro amor num vórtice de atividades.

4. A carne transforma o pecado num carinhoso animalzinho de estimação. Animais de estimação carinhosos são pecados que nós domesticamos e abrigamos no nosso coração. Nós pensamos neles como sendo muito pequenos ou muito grandes para confiá-los a Deus. Ou nós apenas estamos por demais agarrados a eles para deixá-los ir. Agostinho, antes de se converter,

era apaixonado pela sensualidade. Ele não podia imaginar uma noite sem uma amante. Enquanto que o seu coração estava se voltando para Deus, enquanto ele ia se sentindo convicto do seu pecado, mas antes que ele soubesse o que era amar a Deus, ele orava: "Senhor, dá-me pureza - mas não já".[4]

Quando Davi orou nos Salmos sobre os seus pecados inconfessados, ele admitiu que eles o esmagavam e cegavam de maneira que ele não podia olhar para Deus - eles o inflamavam como feridas não tratadas e matavam o amor que ele tinha por Deus (Sl 40.12; 38.5). Pecados sem arrependimento e pecados que são acarinhados diminuem a chama do primeiro amor.

5. A carne enche a nossa cabeça e faz girar o nosso coração. "O saber ensoberbece" (1Co 8.1). Quando Paulo disse isso aos Coríntios, ele não estava sugerindo que eles parassem de estudar a Palavra de Deus. Ele estava condenando o conhecimento que parece crescer mas que nunca muda o coração.

Uma pessoa com uma grande cabeça e um coração pequeno pode aprender as doutrinas do pecado, e no entanto, nunca se convencer do pecado. Ela pode aprender os ensinamentos da graça e do perdão e a grande expiação pelo pecado, e no entanto nunca sentir a paz de Deus que excede todo o entendimento. Quando a carne leva uma pessoa ao ponto em que ela pode sentar-se para ouvir o ensinamento da Palavra, e até deleitar-se nela por sua beleza intelectual, e no entanto ainda não estar mudada, ela abafou o pavio do seu primeiro amor.[5]

6. A carne nos leva a fazer o que é do nosso interesse. A carne tenta apagar a chama do nosso primeiro amor nos persuadindo gradualmente a viver mais de acordo com a sua sabedoria do que a de Deus. A sabedoria da carne é confiar em si mesma (a carne). Deus condena esse tipo de "sabedoria" em Isaías 47.10: "A tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra". Um crente não pode cantar "Eu Te Amo, Senhor" e "À Minha Maneira". A independência é o oposto da fé e do amor. A fé e o amor confiam um no outro, a autoconfiança da carne apaga a chama do primeiro amor.

7. A carne é um gato que come a nossa língua. A maior destruidora da chama do primeiro amor é a negligência da comunhão particular com Deus. Em Isaías 43.22 Deus diz: "Contudo, não me tens invocado, ó Jacó, e de mim te cansaste, ó Israel". Duas pessoas que se amam e que nunca falam uma com a outra não são duas pessoas que se amam. Um marido que evita a sua mulher, que lê o jornal quando ela quer falar com ele, que usa o futebol ou a leitura para se ocupar e assim evitar ter conversas íntimas com ela, simplesmente não a ama. E ponto final.

A pessoa que se chama de cristã, que diz que ama a Deus, ainda assim não busca a companhia dele e nem se deleita com ele, não pode amar a Deus verdadeiramente. Sua própria carne o enganou. Se ele diariamente não dá o seu coração para Deus e recebe em troca o coração de Deus, se ele diariamente não renova sua aversão ao seu próprio pecado e seu deleite na misericórdia de Deus, ele não tem relacionamento com Deus.

A carne vai colocar incontáveis armadilhas para

afastar você das suas orações e meditações. Ela vai "arrazoar" que você tem de cuidar mais do seu corpo do que do seu espírito, porque se o seu corpo morrer você não terá mais utilidade para Deus - e assim você trabalha tanto para ganhar dinheiro e dar segurança à sua família que você afinal não tem tempo para conversar com Deus. A carne vai conseguir que você barganhe obrigações, de modo que pense que se você tem deveres familiares ou participa de cultos públicos, você não precisa estar a sós com Deus. Ela vai enganá-lo ardilosamente para fazer promessas: "Vou orar a Deus na próxima semana, depois que tiver terminado esse grande projeto no trabalho". E é claro, na próxima semana haverá outro grande projeto no trabalho - e sempre haverá alguma coisa para afastá-lo de Deus.

Ouça isto e lembre-se sempre:

> O que você é
> quando está a sós com Deus,
> é o que você é -
> e nada mais.

Você dá uma grande demonstração de amor e fé na igreja, cantando como o Pavaroti ou atraindo as multidões para as suas profundas palestras na Escola Dominical. Mas se não houver comunhão íntima entre você e Jesus - freqüente e profunda comunhão - então a sua religião não tem valor. Você perdeu o seu primeiro amor. Você fica na frente do dedo de Jesus, que aponta para o seu rosto com esta ameaça:

> Tenho, porém, contra ti que abandonastes o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à pratica das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas (Ap 2. 4,5).

Apaixonando-se novamente

Uma ameaça ou um aviso é um benefício - se você lhe der ouvidos. Se você está correndo ao longo de uma rodovia, e vê uma placa que diz: "PERIGO! PONTE QUEBRADA À FRENTE! ESCOLHA UMA ROTA ALTERNATIVA!" e você ainda continua em alta velocidade, você vai morrer. Mas se você prestar atenção, parar e fizer a volta, você viverá.

No outro lado da ameaça de Jesus em Apocalipse 2 está uma maravilhosa promessa: se nós renovarmos o nosso primeiro amor, Jesus diz: "dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus" (v. 7). Essa árvore da vida é o próprio Jesus. Você consegue imaginar que dádiva indizível é essa? Existe alguma coisa em você que tenha fome e sede de comer esse fruto, de entregar a ele o seu coração e receber o santo coração dele em troca?

Jesus é a Pérola de Grande Preço, pela qual você deveria vender tudo para comprar. Jesus é o Tesouro escondido num campo. Jesus é o seu defensor e Advogado, que se ajoelha diante do Pai para orar por você. Jesus é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Jesus é o Desejado das nações. Jesus é o amigo para o pecador, o amante da sua alma. Jesus é o Sol do Amanhecer, a Estrela da Manhã. Jesus é o Brilho da Glória de Deus. Jesus se dá a todo aquele que o ama com as chamas do primeiro amor.

A carne traz um oceano contra o seu amor por Jesus. Ela afogaria o seu amor por Cristo. Não espere até que você esteja pisando na água para se defender. Elimine-a agora. Assassine a carne.

> Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis (Rm 8. 13).

Questões para reflexão e discussão

1. Lembre-se do tempo em que você mais amou a Cristo - quando o seu amor por ele ardia em chamas. Se você está num grupo, descreva esse amor para eles.

2. O primeiro amor é conhecido pela humildade - quem ama sempre se imagina não merecedor do amor da pessoa amada. Alguém que ama a Jesus sente isso no sentido de que, embora ele tenha ferido muito o seu amado, foi perdoado. Esse sentido de nulidade, quando ele pela fé aceita o amor de Cristo, nos faz amá-lo mais. Quais são alguns modos pelos quais você pode renovar o seu sentido de gratidão pelo quanto você tem sido perdoado?

3. O primeiro amor é conhecido pelo seu grande desejo pelo amado, e sua perda de apetite por qualquer outra coisa. Para alguém que ama a Jesus, "As coisas da terra estranhamente

ficam cada vez mais apagadas à luz da sua glória e graça". Como você pode estimular a sua ânsia pelas coisas de Deus e suprimir o seu apetite pelas coisas do mundo? (Você pode fazer uma coisa sem a outra?)

4. O que você pode fazer para evitar que o seu culto se torne formal e exterior?

5. Qual é o propósito de se conhecer as Escrituras? Como você pode alimentar as chamas do amor por Jesus?

6. Pedindo para o Espírito sondar o seu coração, use as seguintes perguntas para ajudá-lo a perceber se você se esqueceu do seu primeiro amor por Jesus.

   • Seu zelo por Deus é quente, vivo, vigoroso, efetivo e ansioso como era quando você se entregou a ele?

   • Ainda correm rios de lágrimas dos seus olhos quando Deus é desrespeitado (Sl 119. 136)?

   • Você luta violentamente pela fé como fazia antes?

   • Você se preocupa como antigamente com a glória de Deus no mundo?

   • A sua vida julga o mundo pela sua santidade e separação como antes?

• A sua fé está se tornando mais forte?

• Você se deleita no culto público como acontecia quando se entregou a Cristo?

• Você sente o mesmo prazer e doçura que sentia no culto antes?

• A pregação da Palavra é tão preciosa para você como era antes?

• Você ouve a Palavra ansiosamente e responde em fé e arrependimento?

• Você antecipa o sábado como tempo de alegre fraternidade, como uma amostra do céu?

• Você deseja ter uma conversação santa com outras pessoas?

• Você é tão cuidadoso quanto à obediência como era no passado?

• A sua consciência é tão sensível quanto ao pecado como costumava ser?

• Você é fiel nas orações e na meditação em particular?

• Você ama os seus irmãos e irmãs mais do que antes?

• Você está tão pronto para carregar as cruzes, as cargas e as perseguições?

• Você é tão humilde quanto era antes?

• Você continua tão disposto a negar a si mesmo em favor do Reino?

parte quatro

Pregando a tampa do caixão do pecado

O cadáver de um inimigo tem sempre um cheiro agradável

Napoleão I

11 *Um transplante de medula*

... Eu cresci
Criado tanto pela beleza quanto pelo temor.

William Wordsworth

À beira da morte

Um transplante de medula pode fazer você desejar que estivesse morto.

Quando o câncer entra na medula, o médico tem de fazer qualquer coisa para salvar o paciente a não ser matá-lo. Ele destrói a medula com radiação e depois a substitui por uma sadia para que ela cresça de novo. Se o paciente sobreviver, ele tem um longo e árduo caminho à partir da beira da morte. Mas ele fica curado.

Contemplar Deus pode fazer você desejar que estivesse morto.

Quando Isaías viu Deus em seu trono, no Templo, o profeta ficou arrasado (Is 6.1-6). Quando Jó estava cheio de orgulho, Deus o amou e assoprou nele com a sua glória do meio de um redemoinho, até que Jó caiu para o lado: "me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42.6). Quando Habacuque teve uma visão do poder de Deus, ele sentiu a podridão nos seus ossos.

> Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu,
> à sua voz, tremeram os meus lábios;
> entrou a podridão nos meus ossos,
> e os joelhos me vacilaram (Hc 3.16).

A terrível majestade de Deus é radiação. Ela tira um raio X da alma e mostra que ela está empanturrada de pecado. A alma vê como Deus é em sua glória, e vê como ela é na sua enfermidade, e enterra a sua face no pó. Então a cura começa. A majestade da radiação de Deus mata a medula doente do pecado e a substitui por humildade. Um coração humilhado pela terrível majestade de Deus pode começar a sua recuperação e voltar a ser forte. O pecado não pode vicejar num coração humilde.

Uma visão de Deus como a de Isaías ou de Jó ou de Habacuque não pode ser pedida. Mas se quisermos condenar o pecado à morte em nosso coração, temos de engolir as maiores doses da terrível majestade de Deus que pudermos. Nós as encontramos em nossas meditações na Palavra.

O remédio da humilhação

Pense profundamente na grandeza de Deus. Pensamentos que alcançam a excelência da majestade de Deus são belos e deliciam a alma, mas eles trazem desagradáveis efeitos colaterais. Até uma migalha de sua grandeza em comparação conosco nos mostra como gafanhotos, pó e "menos que nada" (Is 40.12-25). Ninguém quer sair do seu caminho para se sentir pequeno, fraco e profanado; mas esse forte remédio nos dá esperança contra o pecado. Nessa humilhação, nosso pecado definha.

Mas ao pensar na grandeza de Deus deparamos com um problema que nos é útil: não podemos fazer isso! Ele é demais. Nossa débil mente não o comporta. E isso é bom, porque isso nos humilha diante dele. Pense em quão pouco você sabe de Deus. Você pode caminhar pela beira do infinito e não sentir vertigem? Você pode olhar fixamente para o sol e não ficar cego? Agur deve ter sentido que tentar conhecer a glória de Deus era como tentar entender o Atlântico só de olhar fixamente para uma gota de sua água:

> porque sou demasiadamente estúpido para ser homem;
> não tenho a inteligência de homem,
> não aprendi a sabedoria,
> nem tenho o conhecimento do Santo.
> Quem subiu ao céu e desceu?
> Quem encerrou os ventos nos seus punhos?
> Quem amarrou as águas na sua roupa?
> Quem estabeleceu todas as extremidades da terra?
> Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho,
> se é que o sabes (Pv 30.2-4)?

Mas nós não vemos Deus mais claramente agora que ele encarnou? É verdade que, na nova aliança, o véu foi removido de modo que podemos ver a glória de Deus na face de Cristo (2Co 4.6). Mas a visão que temos dele, comparado ao que ele é em si mesmo, é escura e imperfeita. Paulo diz que é como olhar para o reflexo de Deus num espelho.[1] Pense na sua imagem no capô do seu carro, não no espelho do seu banheiro, porque para Paulo um espelho era algo rudimentar, provavelmente

uma chapa de bronze polido. A maneira em que vemos Deus agora não pode ser comparada com a maneira como o veremos quando formos glorificados: "Quando ele se manifestar . . . haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3. 2).

Porque sabemos tão pouco sobre ele?

1. Nós sabemos tão pouco sobre ele porque ele é Deus. Ele seguidamente se descreve dizendo-nos o que não podemos saber sobre ele. Nós não podemos vê-lo, nós não podemos compreendê-lo porque ele não é como o homem. Na verdade, não há ninguém que seja como ele.[2] E o que nós conhecemos dele, não podemos compreender. Nós somente podemos crer e louvar. Nós dizemos e acreditamos que ele é infinito e eterno, que ele está em toda parte e que nunca muda, que ele é três pessoas numa natureza e que a segunda pessoa é duas naturezas numa pessoa.

Nós compreendemos Deus como uma criança de 6 anos compreende a teoria da relatividade de Einstein.

2. Nós sabemos tão pouco sobre Deus porque só o conhecemos pela fé. A fé é toda a evidência que temos desse Deus invisível (Hb 11.1). É a única maneira pela qual nós podemos chegar a ele (v.6). Todo o nosso relacionamento com ele nesta vida é resumido como andar pela fé (2Co 5.7). Nós simplesmente confiamos no que ele diz sobre si mesmo - é assim que nós o conhecemos.

Mas nosso conhecimento dele é exatamente na medida de que precisamos para destruir o pecado. Nós o conhecemos pouco, mas o conhecemos *verdadeiramente* - o suficiente para amá-lo mais do que o amamos, deleitarmo-nos nele e o servirmos mais do que fazemos,

obedecermos e confiarmos nele mais do que fazemos. Nós o conhecemos gloriosamente mais do que conheceram aqueles que o conheceram antes da vinda de Jesus (Hb 1. 1-3). Nós o conhecemos pelo Espírito de Deus que vive em nós. E conhecê-lo é adorá-lo.

O culto profundamente reverente é a morte do pecado

O culto que Deus aceita é pleno de reverência e profundo respeito que vem de considerarmos quem é que cultuamos, de modo que nós somos "criados tanto pela beleza como pelo temor". Nós adoramos um Pai terno bem como um "fogo consumidor" (Hb 12.28,29). O pecado não pode respirar em uma atmosfera de temor e reverência diante de Deus. Ele fica sufocado. Você pode imaginar o seu desejo viçoso e próspero quando está com o seu rosto diante de um Deus Santo?

Questões para reflexão e discussão

1. Pense numa época em que se sentia esmagado pela consciência da grandeza, da glória e da majestade de Deus. Com foi que isso aconteceu? Como isso afetava o seu pecado?

2. Você se esforça arduamente para conseguir ver um lampejo da glória de Deus a cada dia quando se aproxima dele, ou mesmo a cada domingo no culto? Se a resposta for sim, como você faz? Se não, você faria isso? Como você tentaria fazer isso?

3. É possível ver a glória de Deus nas coisas comuns do dia-a-dia (como lavando o carro, trocando uma fralda ou fazendo o terceiro rascunho de uma dissertação)? Descreva como isso poderia acontecer.

4. As Escrituras são o nosso único guia infalível para abastecer a nossa mente e o nosso coração com pensamentos de Deus. Escolha uma passagem que focalize Deus (como Is 40. 12-25; Jó 38-41; ou Sl 68) e medite nela até ver que Deus é grande aos seus olhos e você mesmo pequeno. Se você está num grupo, fale sobre o quanto você conseguiu ou não fazer isso.

12 *Paz difícil*

Eu acredito que esta seja a paz para os nossos dias . . . paz com honra.

Neville Chamberlain

Uma paz de tolos

Quando o primeiro-ministro Neville Chamberlain voltou à Inglaterra do seu encontro com Hitler em Munique, ele mostrou à multidão o acordo que tinha feito com o líder nazista e anunciou, "Eu acredito que seja a paz para os nossos dias". Hitler teve que invadir a Checoslováquia antes que Chamberlain desistisse de seu pensamento otimista. Quanta morte e destruição poderiam ter sido evitadas se o primeiro-ministro tivesse usado de mais discernimento quanto ao seu inimigo?

A declaração de Chamberlain se tornou uma ironia obscena quando a Inglaterra entrou na guerra menos de um ano depois. Mas, por mais trágico que isso seja, homens e mulheres superam-se a si mesmos em suas loucuras dia após dia, pondo em risco a própria alma. Quando têm a consciência aguilhoada pelos seus próprios pecados, depressa demais declaram sua própria

paz interior antes que Deus tenha operado a sua obra neles. Embora eles aprovem a si mesmos, perdem a aprovação de Deus e fortalecem a posição segura que a carne ocupa dentro deles.

O Deus da paz

É prerrogativa soberana de Deus dar a sua paz a quem lhe agrada (Rm 9.18). Até mesmo com aqueles que ele escolhe para chamar, justificar e purificar, ele reserva o privilégio de declarar paz à consciência deles. Ele é o "Deus de toda consolação" (2Co 1.3) que dá conforto para os seus filhos como e quando lhe apraz. Somente ele cria a paz para seu povo que peca.

> Porque assim diz o Alto, o Sublime,
> que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo:
> Habito no alto e santo lugar,
> mas habito também com o contrito e abatido
> de espírito,
> para vivificar o espírito dos abatidos
> e vivificar o coração dos contritos.
> Pois não contenderei para sempre,
> nem me indignarei continuamente;
> porque, do contrário, o espírito definharia
> diante de mim, e
> o fôlego da vida, que eu criei.
> Por causa da indignidade da sua cobiça, eu me indignei e feri o povo; escondi a face e indignei-me,
> mas, rebelde, seguiu ele o caminho da sua escolha.
> Tenho visto os seus caminhos e o sararei;
> também o guiarei e lhe tornarei a dar consolação,
> a saber, aos que dele choram. Como fruto dos seus

> lábios criei a paz, paz para os que estão longe e para os que estão perto, diz o SENHOR, e eu o sararei (Is 57.15-19).

Quando Deus *cria* a paz para quem lhe agrada, é privilégio de Cristo *declarar* essa paz. Ele é a "testemunha fiel e verdadeira" (Ap 3.14) que nos mostra a condição da nossa alma. Seu julgamento é justo; somente em seu julgamento se pode confiar.

A paz da carne

Hitler deve ter rido durante todo o caminho de volta a Berlim quando soube do pronunciamento de Chamberlain. Sua carne se deleita quando você aceita o consolo dela e não o de Deus. Lembre-se de que a carne é um homem trapaceiro, e que fará qualquer coisa para que você não a mate. Uma das suas melhores trapaças é fazer você acreditar que Deus está aliviando a sua consciência ferida, para que você abrande a sua batalha contra o pecado.

Você tem de aprender como discernir entre o consolo de Deus e a paz fácil da carne. Aqui estão algumas marcas de distinção:

1. Você sabe que é a sua carne que está falando quando a paz vem e você ainda não odeia o pecado. Você sabe que o único remédio para o seu pecado é a misericórdia de Deus por meio do sangue de Cristo. Então quando você estiver ferido pelo pecado e sentir a alienação de Deus e seu povo, você olha para ele buscando cura e paz para o seu coração: "Todas as coisas estarão bem. Cristo morreu por meus pecados. Tudo está perdoado. Glória a

Deus!" Mas se com isso o seu coração não se inchar de aversão pelo pecado que o feriu, as palavras de paz são apenas suas e não de Deus.

Nossa fé pode olhar para Cristo de diversas maneiras, dependendo da ocasião. Pela fé nós às vezes vemos a sua santidade, às vezes o seu poder, às vezes o seu amor. Quando nós vamos a Cristo em busca de cura e paz, olhamos para ele como o que foi traspassado, porque "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras somos sarados" (Is 53.5). Quando nós vemos nosso Salvador ensangüentado nós o pranteamos e lamentamos (Zc 12.10) porque foi o nosso pecado que o traspassou. Esse é o único castigo que nos dá a paz, de modo que quando olhamos para ele por paz, devemos nos lembrar da dor que ele sentiu. E nós detestaremos o nosso pecado.[1]

Detestar o pecado não é o mesmo que temer as conseqüências que ele traz. Quando você detesta o pecado, você o vê da mesma maneira que Deus - o quanto ele é impuro. Quando você se interessa pelas coisas do mundo, por exemplo, seu coração se agarra ao julgamento de Deus de que "se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele (1Jo 2.15), e o seu coração lamenta com ódio de si mesmo. *Então,* Deus o consola com a sua misericórdia em Cristo.

2. ***Você sabe que é a sua carne que está falando quando a paz vem somente pela lógica.*** É possível, sem o trabalho do Espírito, usar o simples raciocínio para usar as Escrituras para aplacar a sua consciência. Na sua consciência atormentada você pode se voltar para Isaías 55.7 e ler:

> Deixe o perverso o seu caminho,
> o iníquo, os seus pensamentos;
> converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e
> volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

Então você pode raciocinar: "Na minha mente eu me voltei do meu pecado para Deus; portanto, baseado nessa promessa, Deus gratuitamente já me perdoou". Se você cair novamente no pecado e sentir-se ainda mais perturbado pelo seu deslize, pode se voltar para Oséias 14.4 e ler:

> Curarei a sua infidelidade,
> eu de mim mesmo os amarei, porque a minha ira se
> apartou deles.

Você pode concluir que Deus está falando a você nesse versículo e que ele desviou a sua ira de você. E tendo feito isso, você pode estar totalmente errado. As palavras de paz podem ser ditas a partir da carne nada contendo de Deus.

"Mas espere um pouco", você objeta. "Essa é a maneira pela qual o Espírito fala, usando sua santa Palavra para nos revigorar e curar. Como eu posso saber quando estou apenas falando comigo mesmo?" Boa pergunta.

Em primeiro lugar, se você é filho de Deus, ele não o deixará vaguear para longe em algum engano (Sl 25.9). A paz que você dá a si mesmo não vai durar muito. Outra maneira de mostrar a diferença é que a "paz baseada no raciocínio" vem rapidamente, mas Deus por vezes seguidas na sua Palavra nos diz para esperar nele.

> Esperarei no SENHOR,
> que esconde o seu rosto da casa de
> Jacó, e a ele aguardarei (Is 8.17).

Os que curam a si mesmos estão sempre com pressa, e não podem esperar no Senhor. Outra diferença é que a "paz baseada no raciocínio" não traz doçura e contentamento à alma. Quando Deus fala, não há apenas a crua verdade que satisfaz a mente, mas um poder que acalma as afeições.

Mas a pior diferença é que a "paz baseada no raciocínio" não muda a sua vida. Quando Deus declara a paz, ele tira o seu povo do pecado.

> Escutarei o que Deus, o SENHOR, disser,
> pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos;
> e que jamais caiam em insensatez (Sl 85.8).

E como a doçura do amor de Deus vem com a sua paz, você encontra o seu pecado morto pela sua terna misericórdia.

3. Você sabe que é a sua carne que está falando quando você não leva a paz a sério. Como é fácil tratar o pecado e o perdão como coisa do dia-a-dia - e, no entanto, como é perigoso!

> Curam superficialmente a ferida do meu povo,
> dizendo: Paz, paz;
> quando não há paz (Jr 6. 14).

"Apenas um olhar de fé é tudo o que é preciso", a carne diz. "Apenas uma olhada por cima do ombro para

algumas promessas preciosas, e tudo está bem." Mas a Palavra de Deus não tem valor para a sua consciência se você não olhar atentamente para ela com *fé* (Hb 4.2). Se você procura comprar a paz com Deus do mesmo modo que compra um lanche no McDonald's, você vai rapidamente descobrir que essa não é a paz verdadeira. Seu pecado vai se apossar de você novamente antes que você perceba.

4. Você sabe que é a sua carne que está falando quando a paz é seletiva. Se você se humilhar diante de Deus e buscar a sua paz que cura quanto ao que você está roubando do seu patrão quando passa suas horas de trabalho jogando no computador, e no entanto não busca a sua paz quanto ao seu péssimo humor com seus filhos, qualquer paz que você encontre será uma nódoa no seu café.

A paz de Deus

"E elas [as ovelhas] o seguem, porque lhe reconhecem a voz" (Jo 10.4). As fiéis ovelhas de Cristo conhecem a sua voz porque elas estão acostumadas com o seu som. Porque elas conversam intimamente com ele e têm fome das palavras que saem dos seus lábios, elas reconhecem o tom e o ritmo da suas preciosas palavras. Elas podem dizer de imediato se é ele ou um estranho que está declarando a paz. Elas conhecem a sua voz porque ela fala fielmente à alma delas. Sua palavra de paz humilha a alma, purifica-a da culpa, transforma a vida, derrete o coração e torna Cristo querido para elas.

Quando você ouve Cristo falando de paz à sua alma, você pode descansar no conforto que ele dá. Mas a sua

carne ficará cada vez mais enjoada e pálida, tendo seu poder drenado por um renovado gosto da misericórdia de Deus no sangue de Cristo.

Questões para reflexão e discussão

1. O que torna a sua alma suscetível à paz enganosa que a carne oferece?

2. Qual é o perigo de aceitar uma paz enganosa?

3. De todas as maneiras que a carne tenta fazer você descansar numa paz enganosa, quais são as que você está mais propenso a aceitar? O que as torna atrativas para você?

4. Voltando atrás no que você aprendeu sobre a carne, o que você pode dizer sobre a paz de Deus que dá um golpe mortal na carne?

5. Esta questão vai além da abrangência deste livro, mas quais são algumas maneiras pelas quais o mundo tenta declarar paz à sua alma?

6. Você tem dado a você mesmo paz enganosa? Como? Como isso tem afetado se relacionamento com Deus? E com os outros?

13 *Fé letal*

Alma sem medo é a minha,
Que na esfera tumultuada do mundo não treme:
Vejo o brilho da glória do céu,
E do mesmo modo brilha a fé, me armando contra o medo.

Emily Brontë

A superfé

Mais rápido que uma bala, mais forte que uma locomotiva, capaz de passar por cima de altos prédios com um só pulo - o Super-homem parece invencível. Mas se você colocar na bota dele uma pedrinha de Kriptonita, ele vai se esfarelar num monte azul e vermelho.

Todos os maiores heróis e vilões das fábulas têm seu calcanhar-de-aquiles. Na *Ilíada* de Homero, Aquiles era imbatível até que Páris o acertou com uma flechada no calcanhar, seu único ponto fraco. O Lobisomem vai fazer estragos na cidade em todas as noites de lua cheia - a não ser que alguém lhe acerte um tiro com uma bala de prata. O Conde Drácula vai drenar a vida na Transilvânia - a não ser que você o encontre dormindo em seu caixão e enterre uma estaca de madeira no coração dele.

Ao longo deste livro eu tenho mencionado muitas maneiras de lutar contra a carne, tais como:

- Meditar sobre a cruz para ver a podridão do seu pecado e a plenitude do amor de Cristo.
- Manter guarda sobre o engano do pecado.
- Encher as suas afeições com coisas celestiais.
- Aplicar a sua vontade em cada meio da graça de Deus para lutar contra a tentação.
- Renovar o seu primeiro amor por Jesus.
- Desejar ter um vislumbre da santidade gloriosa de Deus.

Mas todas essas maneiras são simples preparações para a obra final de destruir a carne. Elas ajudam a estabilizar a mente, a manter as afeições presas nas rédeas e a disciplinar a vontade. No entanto, elas não irão destruir a obra da carne – a menos que elas estejam combinadas com a *fé*. A fé é a Kriptonita, a estaca de madeira e a bala de prata combinadas numa coisa só.

A fé tem que ser a única coisa que destrói a carne porque "ao SENHOR pertence a salvação" (Jn 2.9). A fé tem que ser a única coisa que destrói a carne porque toda a obra da nossa salvação é de Deus do começo ao fim. Não é que Deus simplesmente nos aceite em Cristo quando nós cremos, e então nos deixa por nossa conta para sermos cristãozinhos. Nosso crescimento na santidade também é obra dele (Fp 2.13). As boas-novas sobre Jesus não é que consigamos apenas nos livrar do inferno gratuitamente, mas que nós nos tornemos como o próprio

Jesus e sejamos capacitados a viver e reinar com ele eternamente no novo céu e na nova terra. E essas boas-novas são todas pela fé da primeira à ultima, do começo ao fim, "de fé em fé" (Rm 1.17).

Incitando Cristo contra o seu pecado

Apenas o sangue de Jesus pode libertar do pecado. Viva no seu sangue e você morrerá como vencedor - você viverá, pela bondade da divina providência, para ver a sua luxúria morta aos seus pés. Aqui está como trabalhar a sua fé:

1. Pela fé encha a sua alma de pensamentos sobre o propósito da morte de Cristo. Jesus morreu para matar a própria luxúria que prende você. Na verdade, ela tem você preso na armadilha porque você não é páreo para ela. Você pode estar desgastado e exausto de tristeza e vergonha da luxúria, pronto para erguer as mãos e render a sua vida ao pecado. Mas existe armazenada em Cristo abundância de força para aliviá-lo (Fp 4.13). No mais profundo da sua aflição e angústia, pense sobre a totalidade da graça, a riqueza, os tesouros da força, o poder e o socorro que estão guardados nele para ajudar você (Jo 1.16; Cl 1.19). Lembre-se de que "Deus o exaltou á sua destra Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados" (At 5.31). E se ele dá arrependimento, ele condena a carne à morte, porque não pode haver arrependimento sem que haja uma luta com a carne. Trabalhando desse modo na fé em Cristo é como nós permanecemos nele e encontramos seu poder purificador (Jo 15.3; Rm 11.20).

Para trabalhar a fé no poder de Cristo sobre a sua carne, os seus pensamentos devem fluir desta maneira:

> Eu sou uma criatura pobre, fraca e instável como a água. Eu não posso dominar a minha carne. Minha corrupção é demais para mim, e está a um passo de me destruir. Eu não sei o que o que fazer. Minha alma é um deserto, uma caverna cheia de dragões. Eu tenho feito promessas e as tenho quebrado. Muitas vezes eu pensei ter vencido, e que seria libertado, mas estava enganado. Posso dizer que se não conseguir algum socorro de imediato, eu vou desistir de Deus e naufragar na minha fé.
>
> Mas aqui, às portas da morte, eu ergo meus braços enfraquecidos, olho para ti, Senhor Jesus, com toda a graça em seu coração, todo o poder da tua mão, mais do que capaz de abater todos os meus inimigos. Podes fazer de mim mais do que um conquistador. "Por que, pois, dizes ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao SENHOR ... Não sabes, não ouvistes que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento. Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam."[1]

Se esses são os seus pensamentos, você vai descobrir que a graça dele é suficiente para você (2Co 12.9).

2. ***Pela fé, espere socorro vindo de Cristo.*** "Se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardara" (Hc 2.3). Pode parecer que leva tempo para vir, por causa da sua preocupação e perplexidade; no entanto, ela virá de Jesus. Ela virá a seu tempo, que é a melhor hora. "Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores, e os olhos da serva, na mão da sua senhora", volte os seus olhos para Cristo pedindo socorro (Sl 123.2). Confie nele para livrá-lo como ele prometeu, e ele virá para destruir a sua luxúria e dar a você a paz. Mas

> se o não crerdes, certamente não permanecereis (Is 7.9).

Se você perguntar que fundações você tem sobre as quais construir as suas expectativas, lembre-se de que você não tem alternativa. Para quem você irá? Somente Cristo tem as palavras de vida (Jo 6.68). Sem ele você nada pode fazer (Jo 15.5). A sua única força vem de Cristo que habita em seu coração pela fé (Ef 3.16,17). Você só pode condenar os erros da carne à morte "pelo Espírito" (Rm 8.3). E quem manda e comanda o Espírito senão Cristo?

Você quer mais motivos para esperar socorro vindo de Cristo? Pense sobre sua misericórdia, ternura e bondade como seu Sumo Sacerdote à mão direita de Deus.

> Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados (Hb 2.17, 18).

> Porque nós não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4.15,16).

Você precisa de mais alguma coisa em que repousar a sua esperança de livramento? Pense na *fidelidade* daquele que prometeu ajudá-lo. Porque o Salmista conhecia a certeza da aliança do seu Senhor, ele podia esperar por socorro "mais do que os guardas pelo romper da manhã" (Sl 130.6). A ajuda de Cristo vem tão certamente como o sol se levantará pela manhã - na hora determinada.

3. ***Ponha a sua fé particularmente na morte, no sangue e na cruz de Cristo - isto é em Jesus como o cordeiro que foi morto.*** A morte do pecado vem por meio da morte de Cristo. Ele morreu para destruir a carne. Quaisquer que sejam as tentações que se acerquem de você a cada dia, Cristo morreu para destruir todas elas.

> O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras (Tt 2.14).

Seu desígnio era nos libertar do poder do pecado. Ele se deu pela igreja para a purificar e lavar de toda mancha (Ef 5.25-27), e a sua morte alcançará isso plenamente. As Escrituras sempre atribuem nossa limpeza e purificação ao seu sangue (1Jo 1.7; Hb 1.3; 9.14; Ap 1.5). É a nossa

união com ele na sua morte que nos torna mortos para o pecado, de modo que não podemos mais viver no pecado (Rm 6.1-14) - para que assim também "andemos nós em novidade de vida" (v. 4).

Olhe para o poder da morte de Cristo. Olhe para a morte dele para se tornar como ele e morrer para o pecado. Olhe para ele gemendo debaixo do peso dos seus pecados, orando, sangrando e morrendo por você. Aplique esse sangue à sua impureza. *Faça isso todos os dias.*

Pelo meu Espírito, diz o Senhor

Na sua luta contra o pecado, nunca se esqueça da sua obrigação - mas não se esqueça também do poder do Espírito. Matar sua carne é um dever seu, mas a obra é dele.

> Se, *pelo Espírito,* mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis (Rm 8.13).

À medida que você, pela fé, aplica todos os meios da graça que Deus nos dá para destruir a carne, lembre-se de que é o Espírito que age em cada parte para trazer a vitória vinda de Cristo.

1. Somente o Espírito convence o seu coração do perigo do pecado. Você não vai usar os meios da graça e olhar para a cruz até que a ameaça da luxúria te agarre pelo pescoço - ou seja, até que o Espírito agarre você. Ele convence do pecado (Jo 16.8). Se qualquer mente racional pudesse executar a obra por ela mesma quando ouvisse a Palavra de Deus, veríamos muito mais choro pelo pecado do que vemos. Sem a convicção do espírito, a carne vai florescer.

2. Somente o Espírito revela e ensina a plenitude de Cristo para o seu livramento. Isso é o que nos impede de ficar desesperançado na batalha.

> Sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito (1Co 2.8-10).

3. Somente o Espírito acalma o seu coração na expectativa do socorro a ser mandado por Cristo. Esse é um meio soberano de Deus para destruir a sua carne.

> Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração (2Co 1.21, 22).

4. Somente o Espírito fixa a cruz no seu coração com seu poder de destruidor do pecado. Pelo Espírito somos batizados na morte de Cristo.

5. O Espírito é o Autor e Consumador da nossa santificação. Ele nos dá novos suprimentos de graça para santidade (Ef 3.16-19).

6. Somente o Espírito nos dá apoio quando clamamos a Deus angustiados pelo pecado. Muitas pessoas falam do poder da oração como se as nossas palavras ou vontade pudessem comover Deus. As Escrituras dizem que o

Espírito é o poder real da oração, dando vida, vigor e força à nossa oração, e fazendo com que ela seja persuasiva para Deus. Quando nós não conseguimos nos arrastar para fora da cama, ele nos capacita a orar com "gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26).

Feliz Ação de Graças!

Você vai vencer. Você vai lutar e ver a sua carne desmoronar. O prazer de Deus é não apenas resgatar você do inferno, mas glorificar você com Cristo tornando você à imagem dele. Você não se deixará enganar pela mais mortal fraude da sua carne. Você voltará os seus olhos para longe dos seus mais atraentes ídolos. E você vai crescer em autodisciplina e coragem.

Mas agora não é hora de estufar o peito. É o sangue, a ternura e misericórdia de Cristo em você. É o poder do Espírito dele enchendo você a cada passo do caminho. A cada vitória levante as mãos para o céu e dê graças - regozije-se com seu Libertador com um coração agradecido. Ele é fiel.

Soli Deo Gloria.

Questões para reflexão e discussão

1. Quais são algumas maneiras pelas quais as pessoas tentam quebrar o poder do pecado sem fé e sem o Espírito de Deus? O que você pode dizer sobre a fé que faz disso uma arma tão poderosa contra a carne?

2. Suponha que alguém que você ame esteja dependendo da sua ajuda. Como isso o

motiva? Ou suponha que essa pessoa precisa da sua ajuda, mas se recusa a depender de você, e até duvida de que você esteja querendo ajudar. Como isso motiva você? Agora aplique isso a Jesus. Como a sua expectativa de socorro vindo dele o leva a socorrer você?

3. Leia Hebreus 2.17,18 e 4.15,16. Cristo, como Senhor, sempre teve o poder para expiar os nossos pecados. Porque então ele *teve* de ser feito em tudo como seus irmãos? Em que sentido o fato de ele ter-se tornado como nós o capacitou a ser nosso Sumo Sacerdote?

4. Reveja a oração que você escreveu para o capítulo 1, questão 7. O que Deus ensinou a você neste estudo? Ele respondeu às suas orações? Escreva a ele uma oração de ação de graças. Mas o trabalho não está acabado - então escreva uma outra oração pedindo poder e perseverança na guerra contra *o inimigo que habita em você.*

Notas

Prefácio

1. *A Quest for Godliness: the Puritan Vision of the Christian Life* (Wheaton: Crossway, 1990); *Rediscovering Holiness* (Ann Arbor: Vine, 1992); *Keep in Step with the Spirit* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1984).

2. John Owen, *Works*, org. por William Goold (Edimburgo: Johnstone and Hunter 1850-53). Tanto *Indwelling Sin* como *The Mortification of Sin* estão no volume 6. Dezesseis dos volumes da edição de Goold foram reimpressos fotograficamente por The Banner of Truth Trust, 1965-68.

3. Eu particularmente aprecio e recomendo *The glory of Christ, de J.R.K. Law* (Edimburgo: Banner, 1994) e *Communication with God* (Edimburgo: Banner, 1991).

Parte um: O poder do pecado no que ele é

Capítulo 1: Com o mal ao meu lado

1. Romanos 7 tem sido interpretado de várias maneiras; mas numa inspeção mais minuciosa, claramente descreve a experiência de um crente, mais do que da de um não-crente. Para uma breve, mas clara discussão sobre isso, veja J.I.Packer, *Keep in step with the Spirit* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1984), 263-70. Ver também John R. W. Stott, *Men made New: An Exposition of Romans 5-8* (1966; edição norte-americana: Grand Rapids: Baker, 1984), 71-75.

2. Ao longo deste livro eu vou usar esses termos de modo intercambiável.

3. Existem dois outros inimigos: o mundo e o Diabo. Eu não vou tratar deles explicitamente. Mas uma vez que ambos fazem o seu

trabalho sujo apelando para a nossa carne (o pecado que habita em nós), qualquer vitória sobre a carne concorrerá também para enfraquecê-los.

4. Pense na sua santificação em termos da vinda de Cristo ao mundo. Na sua primeira vinda ele estabeleceu o seu reino no mundo: ele já está governando e reinando, ele derrotou o deus desta era, ele está sentado no seu trono à mão direita do Pai; no entanto, a oposição ainda permanece, e a batalha continua. Na sua segunda vinda ele consumará o seu reinado, tirando dele todo inimigo. Ser nascido de novo é a primeira vinda de Cristo para a sua alma: ele verdadeiramente governa e reina no seu coração, mas o inimigo derrotado permanece e a batalha continua. Sua glorificação depois da morte é a segunda vinda de Cristo à sua alma, quando todo sinal da lei do pecado se desintegrará.

5. Ainda que a graça normalmente prevaleça em nós, nesta vida ela nunca se manifesta perfeitamente (Gl 5.17). Mesmo em nossos momentos de maior amor e humildade, um toque de orgulho aparece para manchar nossas obras mais justas. Devemos viver totalmente dependentes de Cristo.
João descreveu o coração do crente renovado por Cristo e sob seu governo: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (1Jo 3.9). "viver na prática do pecado" e "viver pecando" significa fazer do pecado a sua carreira na vida. O crente tem uma nova natureza - a semente de Deus nele - que não pode viver em paz com o pecado. Isso distingue o crente *no que ele tem de pior* do não-crente *no que ele tem de melhor*. Mesmo quando o crente cambaleia e parece soterrado pela tirania do pecado, seu novo coração continua odiando o pecado, de modo que ele não terá paz até que o pecado seja esmagado. Mas um descrente que de maneira superficial parece ser gentil e respeitável irá, se Deus remover dele a sua graça irrestrita, voluntariamente e com satisfação entregar-se ao pecado.

6. Lembra-se de Roboão? Ver 1 Reis 12.

Capítulo 2: O longo braço da lei

1. Ver, por exemplo, Mateus 5.10-12; 24.9; João 16. 33; Filipenses 1.29; 2 Timóteo 1.8; 3.12; 1 Pedro 4.12; Apocalipse 2.10.

2. Ver os capítulos 11 a 13 para uma demonstração do trabalho difícil que é necessário para matar o pecado.

3. *Inferno,* Canto 34.

Capítulo 3: A casa mal-assombrada

1. A palavra "afeições" é antiga, mas nós temos que conservá-la. "Emoções" é muito limitada para captar tudo que a palavra antiga queria dizer. As afeições incluem as emoções, os desejos, a aversão, a imaginação e mais.

2. Para uma crítica justa e cuidadosa de diferentes visões de santificação, ver de J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit,* 121 - 69.

Capítulo 4: Diferenças irreconciliáveis

1. Muitas traduções interpretam o sentido de Romanos 8.7 como " . . . a mente pecaminosa é hostil a Deus" (NIV). A leitura mais estrita da KJV e da N K J V preserva a nuance que é a característica desse capítulo.

2. Em Efésios 2.14-16 Cristo coloca dois inimigos juntos, judeus e gentios, novamente ao destruir a hostilidade que havia entre eles.

3. Eu não sou contra procurar por novas perspectivas nas Escrituras, ouvir música para se divertir ou dar presentes aos amigos. A questão é que quanto mais espiritual for alguma coisa - quanto mais probabilidade de nos levar a uma comunhão mais estreita com Deus - tanto mais tenazmente a carne irá resisti-la.

Parte Dois: O poder do pecado em como ele age

Capítulo 5: Os truques do negócio

1. Mark Twain, *Adventures of Huckleberry Finn,* capítulo 20.

2. *Ibid.*

3. Ver, por exemplo, Lucas 21.8; 1 Coríntios 6.9; 15.33; Gálatas 6.7; Efésios 5.6.

4. Se você vigiar cuidadosamente o seu próprio coração, vai descobrir que essas três faculdades nem sempre trabalham como uma equipe. A queda deixou-as sem harmonia. Algumas vezes as afeições não podem ficar excitadas sobre o que a mente sabe que é bom (como, por exemplo, assistir ao culto na igreja enquanto o sol está brilhando no campo de golfe); ou a vontade parece impotente para penetrar na mente e nas afeições (como quando você deveria amar a Deus de todo o seu coração, e quer amar, mas simplesmente não pode). E ainda, a mente é designada para ser a sentinela, e o engano está apontado diretamente para ela.

5. Conferir Mateus 6.22, 23: "São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!"

6. Conferir com Provérbios 7.21-27. A mulher adúltera representa não apenas o pecado sexual mas todo o pecado.

7. Eu estou falando, é claro, de vendedores *desonestos* de carros usados. Existem homens e mulheres honestos que vendem carros usados.

8. Por sua providência Deus aborta o pecado concebido de muitas maneiras. Por exemplo: um homem pode desejar uma mulher e decidir em seu coração que irá seduzi-la, mas ela não aceita. Ainda assim, o homem pecou (com a mente, os sentimentos e a vontade), mas foi impotente para levar a cabo a ação. Embora Owen discuta isso à exaustão, e o omiti neste livro. Ver *Indwelling Sin*, de Owen, capítulo 13.

Capítulo 6: Sentindo fortes emoções

1. Ver no capítulo 2, a discussão sobre as recompensas e os castigos do pecado.

2. Para uma meditação útil (e longa) sobre isso, ver o puritano Edward Reynolds, *The Sinfulness of the Sin* (Reedição. Ligonier, Pa.: Soli Deo Gloria, 1992).

3. Efésios 5.10.

Capítulo 7: Mente operosa

1. Os Salmos e cânticos de louvor na Bíblia são os seus melhores guias para esse tipo de meditação.

2. Ver 1 Coríntios 2. 6-16.

3. Ver Romanos 8. 26, 27.

4. Evidentemente, a vida não é predeterminada. Existem épocas em que o seu trabalho precisa de mais tempo do que o usual, épocas em que a sua família precisa de uma atenção extraordinária - e tempos em que as suas orações têm que deixar tudo o mais de lado.

Capítulo 8: Fisgado

1. Os escritores de Provérbios expõem os enganos da carne como quem sabe do que está falando. Ouça-os.

2. Agostinho, *The Confessions* 6. 15.

3. Querida Paula, eu *vou* comprar essa máquina de costura - algum dia!

4. Examine as vidas de Sansão, Salomão e Davi.

5. Ver 2 Pedro 2.14. Aqueles cujos olhos (imaginação, fantasias) estão cheios de adultério e *insaciáveis no pecado.*

6. Ver Romanos 12.11.

7. Izaak Walton, *The Compleat Angler.*

Capítulo 9: Concepção maculada

1. Rever Tiago 1.14, 15 para ver os padrões de engano do pecado, que nós estivemos traçando desde o capítulo 5.

2. Owen explora à exaustão, no capítulo 13 de *Indwelling Sin,* o "aborto" do pecado concebido. A idéia básica é que Deus sempre põe um fim ao pecado antes que ele seja levado a efeito. Um homem pode determinar em seu coração roubar um banco, mas nunca tem a oportunidade nem os meios. Mas note que nada está faltando na sua alma para fazer do assalto frustrado um pecado:

sua mente de algum modo considerou o roubo uma coisa boa a ser feita, as afeições queriam pegar o dinheiro e a vontade consentiu. Da perspectiva de Deus, o homem é um ladrão. Isso explica em parte porque os judeus podiam dizer que um homem ao desejar uma mulher, em seu coração já adulterou com ela (Mt 5.28): não porque "pensar sobre um pecado" fosse tão mau quanto cometê-lo, mas porque a mente, os sentimentos e a vontade já fizeram tudo que podiam para pecar.

3. Comparar e considerar a descrição que Vitor Hugo faz de Jean Valjean, que depois de ser "redimido" pelo Bispo de Digne, roubou uma moeda do pobre pequeno Gervais:

> Digamos, simplesmente, que não foi ele que roubou, não foi o homem mas a besta fera que, por hábito e instinto, estupidamente colocou seu pé sobre a moeda, enquanto o intelecto lutava com essas novas e extraordinárias sensações. Quando o intelecto acordou novamente e viu essa ação irracional, Jean Valjean se debateu em agonia e soltou um grito de horror. Foi um fenômeno curioso, e possível apenas na situação em que ele se achava, que, ao roubar aquele dinheiro do menino, ele cometeu um ato do qual ele não era mais capaz (*Les Miserables*, 1.2.13).

4. Para uma discussão detalhada sobre a vontade, ver *Freedom of the Will*, de Jonathan Edwards, especialmente a parte 1, seção 2.

5. Os protestantes zombam da idéia de anulação da Igreja Católica, afirmando que ela é motivada por esse tipo de pensamento. Mas o que alguns católicos são persuadidos a fazer pela carne com a sanção oficial, milhares de protestantes alcançam sem a bênção do papa.

Parte Três: O poder do pecado no que ele faz

Capítulo 10: Deslizando sem controle

1. Ver Jeremias 2.2,3; 1Timóteo 5.12; Hebreus 3.14; 2 João 8.

2. Considerar, por exemplo, que das sete igrejas às quais Jesus se dirigiu em Apocalipse 2-3, cinco ele acusa de queda espiritual - Apocalipse 2. 4, 5; 14-16; 20,21; 3. 1-3, 15-18.

3. Ler o Salmo 50 para ver Deus chamando a atenção do seu povo por causa do seu culto vazio - e trema diante de Deus quando simula ir à presença dele, entrando sem vontade depois que o culto começou, seus pensamentos e desejos a quilômetros de distância dali. Pense em seu fogo consumidor quando você ignora a voz dele na pregação da Palavra, e ouve sermão após sermão sem ter mesmo um simples pensamento sobre o seu pecado ou a beleza de Deus.

4. Ver Agostinho, *Confessions* 6.15 e 8.7.

5. Ler Ezequiel 33.32 para um notável exemplo disso.

Parte Quatro: Pregando a tampa caixão do pecado

Capítulo 11: Um transplante de medula

1. 1Coríntios 13.12; 2 Coríntios 3.18. A palavra em 2 Coríntios 3. 18 traduzida como "refletir" na NIV é mais bem traduzida, na nota de rodapé, por "contemplar." Isso quer dizer olhar para alguma coisa como se estivesse refletida num espelho. Comparar com NASB, KJV, NKJV, RSV, NRSV, REB e comentários.

2. Êxodo 8.10; 15.11; Números 23.19; Jó 28; Salmo 77.13; Isaías 40.12-25;46.5; Oséias 11.9; Romanos 11.33-36; 1Coríntios 2.16; Colossenses 1.15; 1 Timóteo 1.17;6.16.

Capítulo 12: Paz difícil

1. Ver Ezequiel 16.59-63.

Capítulo 13: Fé letal

1. Isaías 40.28-31.

O que os leitores estão dizendo sobre *O mal que habita em mim:*

"O grande porém cansativo puritano John Owen de há muito vem ajudando os cristãos a detectar o pecado que habita em cada um, também conhecido como a carne, e a vencê-lo pelo poder divino. Kris Lundgaard apresenta o ensinamento de Owens na batalha contra o pecado - nem mais nem menos - sem rodeios e de modo atualizado para os leitores de hoje, com questões para nos ajudar a levá-la a sério . Este livro certamente será um marco para muitos no presente, exatamente como o Owen original foi para muitos no passado. Eu, de coração recomendo o trabalho de Lundgaard."

J. I. Packer
RegentCollege

"As exposições de John Owen sobre *Indwelling Sin in Believers* [O pecado que habita nos crentes] e *The Mortification of Sin* [A mortificação do pecado] são, na minha opinião, as mais úteis sobre a santidade pessoal que já foram escritas. No entanto, seu estilo pesado, do século 17 é demais para muitos dos leitores de hoje. Em *O mal que habita em mim: Uma conversa direta sobre o poder e a derrota do pecado*, Kris Lundgaard fez um notável trabalho ao tornar legível mais uma vez o ensinamento de Owen. Esta não é uma revisão de Owen do século 20, mas um livro novo, contemporâneo, de fácil leitura, escrito no próprio estilo de Lundgaard, e no entanto notavelmente fiel ao ensinamento de Owen. Todo cristão que leve a santidade a sério deveria ler este livro."

Jerry Bridges
The Navigators

"Kris Lundgaard conseguiu o impossível. Ele nos dá um pouco do melhor da teologia puritana numa linguagem que todos nós podemos compreender. Mas cuidado. O estilo penetrante em que ele expõe o engano do pecado o desafiará a uma radical transformação espiritual! Que maravilhosa experiência ler um autor tão especial. Somente podemos esperar que ele venha a nos dar mais."

Richard L. Pratt, Jr.
Reformed Theological Seminary

"Kris Lundgaard nos deu um deleitoso livro. A maioria dos livros sobre o pecado não leva muito a sério a santidade de Deus ou não trata a minha falta de santidade com tanta seriedade a ponto de me deixar sem condição de conviver com a culpa. Este livro não faz nem uma nem

outra coisa. Ele é honesto, real e o melhor de tudo, cheio de esperança. Eu vou melhorar e esse livro vai me ajudar nisso. Leia. Você vai gostar.

Steve Brown
Reformed Theological Seminary

"Um hábil defensor da fé Reformada, Kris Lundgaard apresenta um minucioso e bem articulado plano de batalha para tomar armas contra a carne. Confrontar e superar o pecado é uma luta constante para cada crente. Trata-se de leitura obrigatória para todo aquele que não quer agitar a bandeira branca e render-se ao pecado, mas derrotá-lo fragorosamente."

Steven J. Lawson
Pastor, Dauphin Way Baptist Church

"Uma extraordinária missão de reconhecimento atrás das linhas inimigas, que faz uma descrição exata das forças espirituais que tanto nos atacam como nos atraem ao invadir nosso próprio coração. Lundgaard nos previne contra esses ataques lembrando-nos quão vulnerável podemos ser quar do convencemos a nós mesmos de que estamos muito seguros para cair. Aqui está uma forte lembrança de que separados da graça de Deus somos muito mais fracos do que imaginamos – mas maior é ele que está em nós que aquele que está no mundo."

Bryan Chapell

President, Covenant Theological Seminary

Pontaria mortal contra o coração do pecado! Este livro encoraja e orienta o crente que luta para derrotar o mal interior.

Uma notável missão de reconhecimento por trás das linhas inimigas, descrevendo com cuidado as forças espirituais que nos atacam e nos atraem invadindo o nosso coração. Lundgaard nos prepara contra esses assaltos relembrando-nos quão vulneráveis poderemos ser quando nos convencemos de que estamos seguros demais para cair. Aqui está um eficaz lembrete de que, fora da graça de Deus, somos muito mais fracos do que imaginamos – mas que maior é o que está em nós do que o que está no mundo.

Bryan Chapell – Presidente, Covenant Theological Seminary

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Jr., 394 - 01540-040 - Cambuci - São Paulo - SP
C. Postal 15.136 - São Paulo - SP
Ligue grátis: 0800-141963 - fone: (0**11) 3207-7099
fax: (0**11) 3209-1255 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Vida cristã/Batalha espiritual
ISBN - 85-8688-699-8
9 788586 886997